



amor
EM DOSE
& dupla

PAIS ALENCASTRO
LIVRO 4

A . C . N U N E S



amor
EM DOSE
& dupla

PAIS ALENCASTRO
LIVRO 4

A . C . N U N E S

*Ele se fechou para o amor. Quando
menos esperava, o recebeu em dose dupla.*



Sumário

[Playlist](#)

[Sinopse](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Livros Anteriores](#)

[Outras obras](#)

[Contato](#)



Ouçá a *playlist* de Amor em Dose Dupla. Basta abrir o aplicativo do *Spotify* no seu celular, selecionar “buscar” e depois clicar na câmera e posicioná-la no *code* abaixo.



Ou clique [aqui](#).



Desde a morte da esposa, Kenny Alencastro se refugiou do mundo em uma pequena fazenda no interior da cidade de São José. Cada vez mais fechado, frio e antissocial, ele nunca permitiu que outra pessoa tomasse o lugar de sua mulher. Nunca se permitiu ter qualquer sentimento semelhante por quem quer que fosse. Ele também nunca gostou muito da ideia de ser pai, e sua aversão por crianças se intensificou depois que sua mulher morreu por causa de uma delas. Entretanto, o abandono de um bebê na sua casa o fará pedir ajuda a uma pediatra que trabalha na região e que ele simplesmente não suporta. A convivência com o pequeno Davi e a aproximação com Daiane despertarão nele sentimentos que tentou evitar por todos esses anos.



O sol ainda não nasceu quando desperto de um sonho ruim, intensificado pelo meu despertador sobre a mesa de cabeceira. Rolo para o lado, bato a mão no maldito relógio digital, que apita sem parar, e respiro fundo, tentando afastar imagens dolorosas da minha cabeça.

Levanto-me e vou tomar um banho frio. Visto uma camisa vermelha de flanela, calça jeans e botas de montaria. Na cozinha, tomo apenas um copo d'água. No limiar entre a entrada do cômodo e o lado de fora, observo a manhã escura começando a ser quebrada pelos primeiros raios dourados. Desço os três degraus do alpendre e cruzo o quintal até o estábulo.

— Oi, Preciosa — digo, aproximando-me da minha égua e afagando sua crina.

Ela relincha, mexendo a cabeça, animada com minha presença. Alimento-a antes de preparar a cela para minha cavalgada rotineira. Quando ela está pronta, faço o percurso de sempre, sem forçá-la, apenas um trote leve pelas redondezas da fazenda que ainda dorme.

Como também é de costume, enquanto cavalgo lentamente tento expulsar de mim péssimas lembranças. Vim parar aqui, nesse fim de mundo chamado São José, justamente para me livrar de recordações dolorosas, reencontrar-me, recomeçar, vencer o luto. Isso já faz cinco anos e ainda não

consegui superar. Não consegui aceitar a morte dela.

Nem sempre fui esse tipo de homem. O tipo que acorda antes das galinhas, que cela o cavalo, que ordenha a vaca e faz trabalhos manuais em uma fazenda. Até cinco anos atrás, eu tinha outra vida, completamente diferente desta.

Cavalgo por mais de uma hora antes de deixar Preciosa livre no pasto, roçando nos arredores da casa principal. Enquanto isso, tiro um pouco de leite para meu café da manhã triste e solitário, como de praxe.

É por volta de sete e meia quando, estranhamente, ouço um chorinho de bebê. Não mais que um segundo depois, Liliana chega, carregando a criança dentro de um bebê-conforto usado que certamente comprou de alguém conhecido. Ainda estou sentado à mesa, terminando meu café, e a analiso de cima a baixo, não gostando muito da companhia inesperada que trouxe para o trabalho.

Não sou rico, mas a pequena fazenda que herdei de um tio materno, que morreu solteiro e sem filhos, tem algumas cabeças de gado e plantações que rendem o suficiente para pagar alguns funcionários. Não mais que dez. Liliana é a única que trabalha na casa principal. Os demais fazem serviços externos, na grande maioria das vezes.

— Oi, seu Kenny — a menina, que não deve ter mais do que vinte e um anos, me cumprimenta, parecendo desajeitada. Ela olha de mim para o filho pequeno, com uns dois meses.

— Pode me explicar o que é isso? — pergunto, indicando a criança com o queixo.

— É meu filho.

— Sério? Se não tivesse dito, eu não saberia — retruco, impaciente, engolindo o último pedaço de broa que eu mesmo preparei. Coisas que aprendi sozinho e meio que na marra desde que me mudei para cá. — Estou perguntando por que o trouxe para o trabalho. Sabe que detesto criança.

A menina fica rígida no lugar, encarando-me como se eu fosse o pior monstro da face da Terra. Não sou uma pessoa ruim, não mesmo, mas tenho trauma desses pivetes. Foi por causa de um deles que perdi a pessoa que mais amava na vida. Além disso, são serzinhos irritantes, que não param de cagar, de comer e de chorar. Paciência zero. Bem *ChildFree* mesmo.

— Desculpe, seu Kenny. É que não consegui alguém para ficar com ele hoje e...

— Isso não é da minha conta, Liliana — interrompo-a, levantando-me do meu lugar.

— Mas não tenho com quem deixar *ele* — sussurra, olhando para o garoto que está dormindo. — Prometo que o Davi não vai dar trabalho, seu Kenny. Prometo mesmo. Vou cumprir todas as minhas obrigações e ele não vai me atrapalhar.

Afago os cabelos, não gostando muito da ideia. Mas é isso ou terei de dar o dia para ela. Se eu fosse a droga de um bom patrão, eu a dispensaria. Porra, sou um homem de trinta e sete anos, sei me virar sem uma empregada doméstica. Mas não sou um bom patrão. Se a liberar por causa do pivetinho, ela pode usá-lo sempre como desculpa para faltar ao trabalho. Sinceramente, já foi difícil contratá-la porque a droga dessa fazenda fica longe de tudo do centro da cidade. Mais de uma hora de carro, se a estrada de terra estiver boa. Ninguém em sã consciência aceitaria vir trabalhar aqui, não tão longe, onde o ônibus circular só chega até certo ponto e depois disso são bem umas duas horas de caminhada. Também não vou me dar ao luxo de ir buscar e levar funcionário todo santo dia. Gasto desnecessário. E a maioria da população dessa parte da cidade é aposentada, criança ou agricultora.

Ter contratado Liliana, três anos atrás, foi um achado. A danada até que demorou a engravidar, levando em consideração como andava se esfregando nos rapazes das redondezas. O salário livre de qualquer responsabilidade a fazia gastar desenfreadamente na cidade e nas quermesses. Os pais dela tinham uma pequena malharia nos fundos do quintal, onde fabricavam meias, calças, blusas, toucas, cachecóis e luvas; e vendiam para um cara que revende nas cidades frias da região. *Tinham*, porque faleceram. Primeiro foi a mulher, pouco depois de a filha começar a trabalhar aqui. Apenas um ano se passou para que o velho, talvez com saudade da esposa, partisse também.

Enfim... a questão é que não posso demiti-la porque seria difícil encontrar outra para a substituir caso ela se aproveitasse do bebê como pretexto para faltar ao trabalho. Então, para evitar esse tipo de coisa, não vou dispensá-la.

— Tudo bem. Mas só hoje, Liliana. Dê um jeito nesse garoto amanhã

— digo.

Não espero por uma resposta e saio da cozinha.

Também tenho trabalho a ser feito.



Pouco depois do almoço, preciso ir até o posto de saúde da região. Semanas atrás, Margarete, uma assistente social, esteve aqui em casa e fez perguntas habituais. Normalmente minto nessas entrevistas, que acontecem apenas uma vez a cada dois ou três meses, só para que ela vá embora logo e pare de tomar meu tempo. Acontece que, nessa ocasião em específico, acabei deslizando e mencionei alguns sintomas que vinha sentindo. A mulher me aconselhou a fazer um exame sanguíneo na cidade porque eu provavelmente estava anêmico. Não teria ido, mas a desgraçada veio me atazanar o resto da semana sobre isso e acabei cedendo. Depois de tirar uma amostra de sangue, fui informado que o exame com o resultado chegaria na minha unidade de saúde.

Ontem à tarde, Margarete veio me informar que meus testes já chegaram tem uns dias, mas que estava esperando abrir uma vaga para aproveitar e marcar uma consulta com o clínico-geral para mim. Então, vou só para que não tenha que aturar a visita da mulher pelo restante da semana me cobrando por isso.

Estaciono a picape no gramado do posto de saúde — uma antiga casa em estilo colonial — e caminho até a recepção do lugar. A mocinha que trabalha aqui pega minha ficha e me dá um número para esperar na fila, onde tem mais meia dúzia de pessoas esperando para serem atendidas, entre crianças e velhos. Passo pela triagem. A enfermeira mede meu peso, pede minha carteira de vacina, tira a pressão, faz perguntas habituais. De mau gosto, respondo todas elas. Leva mais de uma hora para que, finalmente, eu seja atendido. O clínico-geral abre o exame e confirma as suspeitas da assistente social.

Estou anêmico, mas não é nada grave.

Ele me passa um tratamento com suplementos e me pede para que, se possível, eu faça um acompanhamento com um nutricionista para que minha rotina alimentar seja corrigida. Pode esperar sentado que vou seguir seu conselho, sim, doutor. Saio do consultório carregando a receita. Assim que entrar na picape, vai para o lixo. Não estou nem um pouco disposto a ir à cidade só para comprar um frasquinho de sulfato ferroso, pelo amor de Deus.

No corredor entre o consultório e a recepção, acabo esbarrando em alguém que está deixando uma sala logo em frente. Estou abrindo a boca para pedir desculpas quando noto de quem se trata e desisto na mesma hora. Ao me reconhecer, a mulher também fecha a cara.

— Olha só quem saiu da toca — provoca do seu jeito ácido e debochado, referindo-se ao fato de que prefiro viver isolado do resto do mundo e saio só em casos muito excepcionais.

Todo mundo conhece esse meu jeito solitário e antissocial. Comportamento que rende muitas fofocas, comentários e teorias, como eu ser um milionário que perdeu tudo em casas de prostituição e por isso vivo tão amargurado na fazenda que herdei.

Franzo o cenho, estranhando a presença dela aqui. Não deixando sua provocação barata, respondo:

— Está trabalhando na prefeitura, agora? Talvez para complementar sua renda e comprar suas coisas sem precisar dar o cano em ninguém, não é?

Vejo seus olhos faiscarem na mesma hora ao mencionar o episódio que causou nosso desentendimento e, conseqüentemente, o ódio mútuo que sentimos um pelo outro. Ela aponta o dedo na minha cara e está abrindo a boca para retrucar quando a única enfermeira do lugar a chama:

— Daiane, posso chamar sua próxima paciente? É uma recém-nascida que está com refluxo.

Ela me fuzila por mais um longo segundo antes de dizer que pode trazer a criança e entrar no seu consultório batendo a porta.

Mulher doida.



— Seu Kenny? — Liliana chama, batendo ligeiramente na porta do meu escritório.

Tiro minha concentração de alguns papéis e ergo o olhar na sua direção. Só então percebo, dando uma conferida rápida na janela ao lado da minha mesa, que já entardeceu. O sol está se pondo no horizonte e esfriou ligeiramente — algo que só sinto por causa da corrente fria que adentra pela porta aberta.

— Meu horário está quase acabando. O seu jantar já está pronto, é só aquecer depois e...

— Liliana — interrompo-a, sem paciência para sua tagarelice atípica. Ela nunca tagarela desse jeito porque sabe que odeio interações sociais. Ela me informa apenas o necessário e se despede. — Vá direto ao ponto e pare de me fazer perder tempo, por favor.

— Sim, claro — diz, parecendo meio sem jeito. Ela fica no umbral da porta, torcendo a barra da camisa, meio hesitante. — Queria saber se o senhor pode me fazer um favor, sabe.

Ergo uma sobrancelha, curioso e surpreso com o pedido dela. Solto a caneta entre meus dedos e encosto-me à minha cadeira, analisando-a de cima a baixo, tentando adivinhar que tipo de favor é esse. Espero que não seja adiantamento de salário porque a data do vale já passou tem poucos dias.

— Que tipo de favor?

Rubor toma conta das suas bochechas brancas.

— Preciso ir *na* cidade comprar fralda *pro* Davi. O João da Dona Marcinha vai me levar lá de moto e não tenho com quem deixar o menino. O senhor... o senhor poderia dar uma olhadinha nele *pra* mim?

Por longos dez segundos, encaro a menina como se ela fosse uma nova espécie descoberta. Explodo em uma gargalhada meio histérica, perguntando-me o que ela tem na cabeça para querer confiar o *ranhentinho* a mim. Só pode estar com titica de galinha no lugar do cérebro.

— Você perdeu o juízo, Liliana? — pergunto, rude e indignado com esse pedido.

Ela move a cabeça de um lado a outro, freneticamente.

— Não, seu Kenny. Não pediria isso se eu não *tivesse* precisando muito. Eu acabei de colocar a última fralda nele. Ainda hoje o pobrezinho não vai ter o que vestir. Por favor, prometo que vou e volto logo, logo. Ele já mamou e *tá* dormindo. Só vai acordar agora mais de noitezinha. Davi não vai incomodar.

Levanto-me de trás da minha cadeira e me viro de costas para ela, olhando através da janela alta e estreita. Não deveria aceitar, não mesmo. Agora por acaso tenho cara de babá? Mas é capaz de ela faltar amanhã com algum pretexto que envolva o pivete. Suspiro, virando-me para ela, arrependendo-me dessa decisão muito antes de tomá-la.

— Ele não vai acordar? Certeza disso?

A menina garante com um gesto de cabeça.

Se ele continuar dormindo enquanto ela vai e volta da cidade — que de moto é bem mais ligeiro do que de carro —, então não vejo muito problema. Reviro os olhos.

— Tudo bem. Esteja aqui em duas horas, no máximo, me entendeu?

— Sim, seu Kenny. Muito obrigada mesmo — ela diz.

Meio minuto mais tarde, a menina retorna com o bebê-conforto. O rapazinho está mesmo dormindo, enrolado em uma manta azul, bastante batida a contar pelo tecido gasto, com uma chupeta na boca e uma fralda de pano amarrada na argola. As mãozinhas agarram o pedaço de pano contra o rosto, como se o cheiro ali impregnado fosse a coisa mais gostosa do mundo para ele.

Pego o bebê-conforto e digo para ela ir logo de uma vez. Liliana deixa um beijo carinhoso na testa do filho antes de partir. Assim que ela se vai, coloco-o na mesa do meu escritório e o observo, de longe, como se Davi fosse alguma ameaça grandiosa, e não apenas um bebê indefeso.

Lembranças que não gostaria de ter retornam com toda força e preciso me esforçar para não ceder às emoções descabidas. Esse menino na minha frente não tem culpa nenhuma da tragédia que se abateu sobre mim. Foi outra

maldita criança, mas não foi ele.

Inspiro fundo e vou até a cozinha, sentindo meu coração descompassado. Tomo um longo copo de água e como uma banana. Volto para o escritório. Ele continua dormindo. Confiro as horas. Cinco e meia da tarde. Sento-me atrás da minha mesa outra vez e me concentro no que preciso fazer. Meu estômago ronca, mas decido que só vou comer algo que sustente quando o pivetinho não estiver mais aqui. Por algum motivo, não vou conseguir comer.

Liliana tinha razão quando disse que o menino não me daria trabalho. Constato isso quando termino meu trabalho sem que ele tenha dado um único resmungo. Saio do meu lugar e olho no relógio. Assusto-me quando me dou conta que já são oito da noite. A mãe do menino já deveria ter voltado. Um leve desespero me acomete. Onde é que ela se enfiou, afinal? Dou uma espiada no bebê, ainda no mesmo lugar. Para intensificar ainda mais esse pesadelo, noto que ele está acordado.

Inferno.



Tudo bem, não é motivo para entrar em pânico.

Tudo bem, não é motivo para entrar em pânico.

Tudo bem, não é motivo para entrar em pânico.

Repito a frase mentalmente, como um mantra a ser seguido. É só uma criança e a mãe dele já deve estar chegando.

Inspiro fundo, procurando por um pouco de calma, enquanto meus olhos assustados encontram os pequeninos olhos dele, curiosos, analíticos, que ora estão em mim, ora estão observando e absorvendo tudo à sua volta. Aproximo-me com cuidado e acho minha atitude patética. É só um bebê, pelo amor de Deus.

— Oi, *coisinha* — digo, com uma pitada de desdém. Onde é que fui me meter? — Se comporte, viu? Sua mãe deve estar chegando.

Davi me olha, a chupeta agora fora da sua boca. Fico aliviado por um segundo. Aparentemente, ele realmente não vai me dar trabalho. Pego o bebê-conforto e o levo até a cozinha. Coloco-o sobre a mesa e vou até a porta, procurando na escuridão algum indício de que Liliana está chegando. Os sapos já estão coaxando, os grilos cantando, vaga-lumes voando para lá e para cá, enquanto mariposas rodeiam as luminárias no meu jardim.

— Droga, garota, onde foi que você se meteu? — sussurro, varrendo a extensão escura.

O bebê começa a resmungar. Viro-me para ele, que se remexe no lugar, fazendo uma careta. Leva só um segundo para que o resmungo se transforme em um choro baixo e agudo. Aproximo-me rapidamente, sem saber o que fazer. Olho para a criaturinha batendo as pernas e mãos enquanto o choro aumenta gradativamente.

Pego a chupeta e coloco na boca dele. O menino suga o bico com toda força e, por um mísero segundo, fico aliviado, achando que consegui resolver problema. Acontece que, na terceira sugada, Davi cospe a chupeta, tornando a chorar. Enfio outra vez na boca dele, que suga com força no primeiro segundo, mas cospe outra vez, intensificando o choro. Insisto mais um pouco, e, desta vez, ele nem mesmo pega o bico. Vira o rostinho, chorando e esperneando.

Mas que inferno, viu.

Coço a nuca, pensando no meu próximo passo. O chorinho agudo dele vai entrando no meu cérebro e me deixando em um estado que é uma mistura de desespero, irritação e pânico. Não sei o que fazer! Nunca tive de lidar com uma criança antes e não tenho ideia do porquê de ele estar chorando. Talvez seja fome? Olho ao redor, perguntando-me o que uma criança de dois meses consome. Leite. Certo. Mas leite *materno*. E o único leite materno que tenho aqui é de uma das minhas vacas, Estrela.

Olho de novo para o garoto, contorcendo-se enquanto chora.

Pego o bebê-conforto e começo a balançá-lo, em uma tentativa de fazê-lo dormir de novo. Quem dorme não sente fome. Improviso alguma canção idiota de ninar, que só parece deixar o menino ainda mais irritado. Ele berra mais alto, quase estourando os meus tímpanos, e tenho a maldita impressão de que vai acordar a droga da fazenda inteira.

— “Ele não vai dar trabalho” — repito as palavras dela, mal-humorado, enquanto sigo o chacoalhando. — Imagina se fosse dar!

Desisto de fazê-lo dormir e coloco-o de volta sobre a mesa. Caminho até a porta, na esperança inútil de que Liliana esteja chegando e dê uma teta para esse pivete chorão. Já estou ficando doido com essa choradeira toda. Uma ideia meio absurda surge na minha cabeça, mas pode ser a solução

desse problema que a menina jogou sobre meu colo. Abro a porta do meu armário e pego um pote cheio de mel natural. Nada de coisa industrializada. Quem o produziu, aliás, foi um apicultor que mora a uns três quilômetros daqui. Mergulho o bico da chupeta no doce e coloco na boca do garoto.

Melzinho na chupeta. *Literalmente.*

A choradeira cessa. O silêncio que ronda a casa é divino. Davi suga o bico com vontade, estalando a boquinha. Por um minuto inteiro, fico com meus olhos presos nos dele, observando-o se deliciar com o néctar. Alguma coisa se remexe dentro de mim, mas não sei o que é. No passado, eu tinha feito planos de ser pai, embora a ideia pouco me agradasse. Mas era um sonho da Helena, desde que nos conhecemos, e teria feito isso por ela. Qualquer vontade de cuidar de uma criança morreu dentro de mim quando ela morreu.

Nunca vi qualquer futuro sem minha esposa. Qualquer plano que eu fizesse que não a incluísse não fazia sentido para mim. E isso incluía ter um filho. Ter um filho significa duas coisas.

A primeira, que eu, provavelmente, teria de arrumar uma esposa. Só que nunca me vi deixando outra mulher tomar o espaço que sempre foi de Helena. Nunca me vi apaixonado por outra como sempre fui apaixonado por ela. Simplesmente não conseguia — e ainda não consigo — conceber a ideia de me apaixonar de novo. Nem sei se isso é possível. Meu amor por Helena sempre foi sincero demais e tenho minhas dúvidas se sou capaz de amar outra vez com tanta intensidade.

A segunda coisa é que, mesmo que eu opte por uma adoção ou uma barriga de aluguel, a ideia de um filho vai me trazer essas lembranças dolorosas das quais sempre tento fugir. Uma criança alegrando a casa e tomando conta de toda a nossa rotina era um sonho de Helena, não meu. Não vou conseguir criar um filho de forma decente se não sou capaz nem mesmo de superar o meu luto.

Desde a morte dela, eu me isolei. Deixei a cidade grande — onde eu era sócio de um escritório de contabilidade com um amigo — e vim me refugiar aqui. Meu tio faleceu e me deixou essa fazenda poucos meses antes da partida de Helena, como se ele adivinhasse que eu precisaria do lugar para me segregar do restante da sociedade na minha bolha particular e solitária. Afastei-me de tudo e de todos, nunca deixei ninguém entrar.

Absolutamente ninguém.

Mulheres, amigos, bebês.

Ninguém.

O choro de Davi interrompe meus pensamentos e volto ao mundo real. Então me dou conta que a chupeta caiu da sua boca. Pego-a e mergulho-a mais uma vez no pote de mel antes de inseri-la na sua boquinha de novo. Enquanto o bebê suga o bico, acalmando-se, retorno para a porta principal, procurando por Liliana.

Começo a ficar preocupado. É impossível não me perguntar se aconteceu alguma coisa de ruim com a mãe do menino. Um arrepio diferente sobe pela minha coluna. E se ela sofreu um acidente de moto? Se ela morrer, com quem o menino vai ficar, visto que não tem avós, e o pai... o pai ela nem sabe quem é? Olho para trás, imaginando o diabinho indo para um orfanato, que é provavelmente o que vai acontecer se ficar órfão.

O mel acaba outra vez, e o choro retorna. Mais alto. Mais forte. Mais agudo. Mais *irritante*.

Tapo os ouvidos, não aguentando mais essa *berreira*.

Passo a mão pelos cabelos, pensando nas minhas próximas opções. Já são oito e meia. Faz três horas que aquela desnaturada saiu para comprar fraldas. Tento pensar que ela apenas é uma irresponsável, e não que está morta.

Deixo a cozinha e me tranco no escritório. O choro aqui é mais afastado. Uma hora ele terá de parar de chorar. Por mais que eu tente ignorá-lo e ser frio com o fato de que essa criança está com fome, *com muita fome*, não consigo. Se fico cinco minutos dentro desse escritório é muito. Volto lá para a cozinha e molho a chupeta pela terceira vez. O menino cala a boca.

Eu preciso de alguém que me ajude, essa é a verdade que concluo. Uma mulher, de preferência que tenha criança pequena, algum leite, mesmo que aqueles em pó indicados para a idade dele, talvez alguma fralda. Penso nos moradores da vila, tentando me recordar se alguém se encaixa na descrição. Ponto negativo de ser antissocial: quando você precisa conhecer alguém, você não conhece.

O menino volta a berrar.

— Pelo amor de Deus, cala a boca — digo, como se fosse adiantar alguma coisa, com um suspiro cansado.

De repente, me recordo de uma mulher que tem três filhos. O mais novo nasceu dia desses. Ela pode me ajudar. Cato o garoto chorão e as chaves da picape. Acomodo-o no banco da frente, dou a partida e começo a dirigir. A viagem é relativamente longa. A mulher de quem preciso mora a uns cinco ou seis quilômetros da fazenda. Ao meu lado, Davi vai chorando.

Minha cabeça dói e estou no meu limite. Estaciono a picape de qualquer maneira na beira da estrada e desço, descarregando a raiva com uns chutes no pneu do veículo. Juro por Deus, quando Liliana chegar, se estiver viva e bem, eu vou matá-la!

Inspiro e expiro profundamente, erguendo o rosto para o céu. Preciso ficar calmo. Mal andei dois quilômetros. Quando estou de volta ao controle das minhas emoções, decido tornar a dirigir até a mulher. Antes que eu possa por um pé dentro da picape, por cima do teto, dou de cara com uma casa do outro lado da estrada.

Situada em uma pequena chácara, conheço bem a criatura desprezível e diabólica que mora ali. Sou tentado a pedir a ajuda dela. Daiane é pediatra, trabalha em uma grande fazenda ao sul da vila. O lugar é enorme, quase como uma cidade dentro da cidade, com milhares de cabeças de gado de corte, vacas leiteiras, avicultura, suinocultura, além de diversas plantações, principalmente de café. Por conta disso, ele tem inúmeros funcionários — e muitos deles têm filhos pequenos. O homem conta com uma estrutura na fazenda para atender todas as necessidades dos empregados. De escolas a postos de saúde. Daiane trabalha lá, atendendo as famílias trabalhadoras. Como pediatra, ela deve saber o que fazer com esse menino que não para de chorar. Deve até ter alguma coisa para dar para o garoto comer.

Balanço a cabeça em negativo, afastando a ideia da cabeça. Não vou pedir a ajuda dela. Sou orgulhoso demais para isso. Ela me desaforou mais cedo e me desafora sempre que tem a oportunidade. Não vou pedir a ajuda dela.

Entro na picape, determinado a percorrer os quilômetros que faltam para a casa daquela mãe que vai me ajudar. Mas o choro desesperado da criança me faz reconsiderar. *Diacho!*, praguejo enquanto viro o volante e embico a picape frente à porteira da chácara. Abro-a com facilidade, coloco o

carro dentro da propriedade e volto para fechar a porteira. Avanço pela entrada até a casa principal da chácara — a uns dez metros de distância desde a estrada — e estaciono. Mantenho os faróis ligados, pego Davi no banco da frente e vou até a porta da sala.

Bato duas vezes.

— Daiane, sou eu — chamo-a, notando que a casa está bem quieta. Pela fresta, vejo que tem luz acesa. O menino segue chorando estridentemente. *Eu não aguento mais*. Leva apenas dez segundos para que ela atenda a porta, enrolada em um roupão ridiculamente rosa. Ela me olha, espantada, e então se desvia para Davi, o Chorão. — Preciso da sua ajuda. Esse moleque não para de se esgoelar.



— ***Onde foi que você*** arrumou esse bebê, Kenny? — Daiane pergunta, tomando o bebê-conforto das minhas mãos.

Ela caminha rapidamente para dentro da casa, enquanto tenta acalmar o menino, e eu a sigo até a cozinha. A mulher também o coloca em cima da mesa, avaliando-o.

— A mãe dele o deixou comigo para ir à cidade comprar fralda, mas até agora não voltou.

A pediatra aperta o vão das pernas do menino, fazendo uma careta.

— Ela perdeu juízo confiando o filho dela a você? — pergunta, desamarrando Davi do bebê-conforto e o pegando no colo, ninando-o.

Tento não me sentir ofendido com suas palavras, irritado com a choradeira dele que só aumenta. O rapazinho agora está se esgoelando mais, muito alto, que chega a perder o fôlego e a ficar vermelho. Isso me deixa agonizado. Está bastante claro que ele está com fome.

— Olha, só faz o Davi calar a boca, *tá bom?* Tem alguma coisa aqui que possa dar para ele comer?

Vindo até mim, ela o joga nos meus braços, pedindo que eu o segure. Meu corpo trava na mesma hora, e não sei que reação ter por um segundo

inteiro. Olho para o pirralhinho chorão e sinto algo diferente. Ela me instrui como segurá-lo melhor — atitude que tomei quase sem perceber — e se afasta, abrindo uma porta do seu armário. Vejo que ela pega uma fórmula para bebês e começa a prepará-la. Enquanto Daiane faz a refeição do garoto, meus olhos se desviam para ele, no meu colo. Engulo em seco, querendo que esse momento acabe logo. Não tenho jeito com crianças. E Davi é tão... pequeno. Indefeso. Vulnerável? E se eu o machucar? Ele parece tão desajeitado nos meus braços grandes. Tenho a impressão de que vai quebrar a qualquer momento.

— Acalma ele, Kenny! — Daiane pede, e só então me dou conta de que ele continua berrando no meu colo e tudo que estou fazendo é olhar para ele, divagando nos meus próprios pensamentos.

— Não sei como fazer isso — confesso. Ela me olha, segurando uma mamadeira pequena. — Meus instintos paternais não são os melhores — defendo-me.

A mulher suspira e termina o preparado, vindo até mim novamente e pegando o garoto no colo. Ela o ajeita no cadeirão de volta e coloca o bico da mamadeira na boquinha dele. Davi suga o leite com toda vontade, finalmente ficando quieto.

— Graças a Deus — digo, aliviado.

Daiane dá uma risadinha e fica olhando para o menino, acariciando seu rostinho branco. Meus olhos fixam-se nela por um segundo, pegando detalhes dela que ainda não havia pegado, o formato do rosto, o nariz um pouco empinado, as bochechas rosadas. Os cabelos castanho-acobreados estão amarrados de qualquer maneira, com fios revoltos e ondulados soltos por toda parte. Sou pego a observando quando ela me olha, de repente. Desvio rapidamente, tentando disfarçar, mas sei que devo ter fracassado.

— Segura aqui — pede, apontando para a mamadeira. — Vou ver se encontro uma fralda do tamanho dele e roupinhas. Esse menino está encharcado de xixi.

Outra vez sinto aquela sensação esquisita de... perigo. Com cuidado, eu me aproximo e seguro a mamadeira. O menino foca em mim, calmo, inocente. Por algum motivo, também não consigo tirar os olhos dele. Daiane se afasta, deixando-me sozinho com a criaturinha. Puxo uma cadeira e me

sento de frente para ele. O contato visual entre nós é intenso. Davi até abre um sorriso enquanto chupa o bico, o que faz um pouco de leite escorrer pela lateral da sua boca.

— Babão — digo, limpando o leite com a gola da camisa que ele usa.

O menino abre um sorriso ainda maior.

— Olha só quem estão se dando bem — Daiane diz, ressurgindo com uma fralda, um pote de lenço umedecido, fita crepe, pomada e um par de roupas que parecem grandes demais para ele, além de uma manta amarela melhor que a dele.

Ela retoma a mamadeira para si e cedo meu lugar para ela. A mulher sussurra um agradecimento e termina de amamentar o garoto, conversando com ele e brincando com sua barriguinha enquanto eu apenas fico aqui, vendo a pequena interação entre os dois. Quando o menino termina sua refeição, ela o pega no colo e o faz arrotar. Só então começa a trocá-lo.

— Você tem filhos? — pergunto, mesmo que eu acredite que a resposta seja não, vendo-a limpar os órgãos sexuais do bebê com o lenço umedecido e depois aplicando uma pomada contra assaduras.

Não faz muito tempo que Daiane mora nas redondezas. Pouco mais de um ano. Nunca a vi com qualquer criança. Sempre me pareceu ser uma mulher sozinha.

— Não, por que a pergunta? — Quer saber, lançando-me um olhar rápido enquanto ajusta a fralda um pouco grande no menino.

— Porque você tem coisas de bebê aqui — respondo, dando de ombros.

Convenhamos, é esquisito uma mulher sem filhos ter artigos para bebês.

Ela ajusta as laterais largas da fralda, dobrando-as para contornar o corpinho de Davi e prendendo-a com pedaços da fita crepe.

— Sou pediatra em um bairro rural, Kenny. Gosto de ter algumas provisões em caso de alguma mãe ter alguma emergência. Como você acabou de ter. Minhas pacientes sabem que tenho essas coisas por aqui e se elas precisam, vêm buscar e depois me pagam. Com o dinheiro, trago mais.

Aceno em positivo, achando lógicas e válidas suas intenções.

Observo-a colocar a roupinha limpa e seca em Davi, enrolando-o em seguida na manta amarela por cima da azul, para que fique mais aquecido. Com toda delicadeza do mundo, ela começa a balançar o bebê-conforto para fazê-lo dormir.

— Você tentou ligar para a mãe dele? — indaga, com um sussurro.

O menino está quase dormindo.

— Não tenho o telefone dela.

Daiane fixa os olhos no menino por um tempinho antes de virar-se para mim.

— Esse menino deve ter apenas uns... dois meses. Por que a mãe dele já voltou a trabalhar, Kenny?

Não gosto da acusação no seu tom de voz.

— Ela voltou porque quis, Daiane — explico, cruzando os braços na frente do tórax. — Alguma coisa sobre precisar do dinheiro porque a licença-maternidade era pouca.

A mulher semicerra os olhos na minha direção, como se esforçando-se para acreditar em mim. Dou de ombros, porque é verdade e não faço questão de convencer ninguém a nada. A mulher volta a observar o bebê, que agora está completamente calmo e dormindo. Ela permanece em silêncio, apenas de olho nele por longos segundos, e eu a acompanho na quietude. Procuro pelas horas em um relógio na parede e me dou conta de que são nove e meia da noite.

— O que vai fazer agora que o bebê está calmo? — ela pergunta.

E pela primeira vez, penso a respeito. Se o levar embora, o garoto pode acordar molhado ou com fome. Mesmo que eu peça algumas provisões para Daiane, ainda não saberia colocar a fralda nele ou preparar o leite. A menos que ela me instrua como fazer isso e... *Espera, espera*. Por que mesmo estou pensando em cuidar desse pivete? Eu deveria era mesmo ir à polícia e notificar o sumiço da mãe dele, entregá-lo para o Conselho Tutelar e viver a minha vida. Isso. É isso.

— Preciso procurar a polícia e entregá-lo às autoridades competentes.

— A essas horas da noite?! — indaga, assustada, os olhos se desviando para o relógio na parede.

Dou de ombros.

— Eu é que não vou cuidar dele, Daiane. Nem de criança eu gosto, para início de conversa.

Ela balança a cabeça de um lado a outro, inconformada.

— Você é mesmo tudo o que as pessoas dizem, Kenny — menciona, levantando-se do seu lugar.

Ergo uma sobrancelha, curioso com o que ela disse. Ligo muito pouco para o que os moradores da região falam a meu respeito e sei de uma coisa ou outra. Passo tanto tempo isolado na minha fazenda, trabalhando ou chafurdando no meu luto, que acabo ou não dando trela para comentários, ou não sabendo o que falam de mim.

— E o que é que as pessoas dizem, Daiane? — pergunto, curioso.

— Que você não é um bom homem.

A informação me atinge de um jeito que me perturba. Veja lá, eu vivo na minha, sempre antissocial, isolado, na maioria das vezes mal-humorado, por vezes mal-educado, mas não sou uma pessoa ruim. Então, por que exatamente as pessoas têm essa visão de mim? Será pela vez que me recusei a devolver a bola de uns pestinhas que quebraram o vidro da minha picafe quando invadiram meu quintal para jogar futebol? Ou pela vez que me recusei a receber uma novena na minha casa porque eu simplesmente não tenho religião nenhuma? Mas o motivo deve ser mesmo pela vez que um cão morreu nas minhas terras e eu fui enterrá-lo na beira da estrada. Um bando de pivetes passou por mim e perguntou o que tinha acontecido com o pobre cachorrinho. Mal-humorado como sempre, e irritado pela pergunta estúpida, eu disse que tinha o matado a pauladas.

Deus, eu disse que tinha o matado a pauladas!

É claro que as pessoas vão fazer mau juízo de mim.

— Elas estão erradas — digo, por fim, em minha defesa.

— Será que estão? Ouvi histórias sobre você e eu mesma já presenciei uma das suas ruindades.

Desencosto da pia e dou um passo à frente, ficando a vinte centímetros dela. Daiane parece segurar a respiração, olhando-me nos olhos. Ela tenta recuar, mas tropeça nos próprios pés quando percebe que, se dá um passo para trás, eu dou dois adiante.

— A ruindade a que você se refere é pelo que fiz no seu Jeep por causa da nossa discussão, meses atrás?

A desgraçada empina o nariz.

— É.

Afasto-me um passo dela, decidido a não dar corda a esse assunto. Talvez ela esteja com um pouco de razão, mas não tanto assim. Posso ter passado um pouco dos limites quando pichei a carroceria do Jeep dela com um “caloteira” bem grande. Ora, ela saiu devendo produtos da minha fazenda e se fez de sonsa, dizendo que já tinha pagado. Pedi o recibo — que sempre entrego para evitar esse tipo de coisa — e ela não tinha. Logo, não me pagou. E se eu tivesse entregado, também teria riscado no meu caderno de controle. O nome dela continua lá até hoje, escrito com caneta vermelha que é para não me esquecer de nunca mais vender um poncã para essa mulher.

— Olha, isso pouco importa agora. E pouco me importo com o que as pessoas pensam ou falam de mim — falo, pegando na alça do bebê-conforto.
— Vou até a cidade entregar esse menino e...

Sem que eu espere, Daiane dá um tapa na minha mão.

— Você que não se atreva a tirar esse menino daqui, Kenny!

Fico assustado com sua reação, como se ela fosse uma leoa protegendo o filhote. Solto a alça rapidamente, e ela lança um olhar rápido ao menino, certificando-se de que ele continua dormindo. Daiane inspira fundo e me olha, atentamente.

— Está tarde e a mãe do menino pode voltar. Não há necessidade de fazermos alarde, não é? Se não quer cuidar do menino, pode deixá-lo aqui, eu cuido. Amanhã pela manhã, decidimos o que fazer.

Sinceramente, se ela fosse qualquer outra pessoa, eu não hesitaria em aceitar sua proposta. Deixava esse pirralho aqui e voltava para minha casa para dormir com a consciência limpa, bem tranquilo. Mas eu lá quero deixar o menino sob sua responsabilidade para depois ela sair por aí me difamando,

dizendo o quão ruim sou? Não mesmo. Além disso tudo, já engoli demais meu orgulho vindo pedir ajuda de Daiane. Não vou engolir de novo permitindo que cuide de Davi quando essa função foi dada a mim.

— A Liliana confiou em mim para cuidar do menino, então *eu* vou cuidar do menino — digo, bem birrento mesmo.

Daiane me olha de um jeito muito irônico, cruzando os braços na frente do tórax.

— Você não sabe nem mesmo trocar uma fralda, Kenny. Como pretende cuidar dele?

A pergunta me acerta como um chute no saco. Um homem de trinta e sete anos que não sabe cuidar de um bebê. Pelo amor de Deus. Agarro firme a alça do bebê-conforto, decidido.

— Vou dar meu jeito, *tá* bom? Só me arruma um pouco de fralda e de leite que eu me viro com o resto — falo, não acreditando que estou realmente me oferecendo para cuidar de um bebê. *Um bebê!*

— Nem se eu fosse louca — diz, obstruindo meu caminho. — Para de ser orgulhoso, homem, e aceite minha ajuda. Posso cuidar do Davi para você. Não tem que se preocupar.

Balanço a cabeça em negativo, teimoso feito uma criança.

— Eu não vou *deixar ele* com você, Daiane. Ele é minha responsabilidade.

— Você é orgulhoso, isso sim! *Tá* aí, todo se doendo porque veio pedir ajuda para a *caloteira*. Sabe que eu cuidaria do menino melhor do que você!

Raiva ferve nas minhas veias.

— Só me arruma a porra das fraldas — cuspo, perdendo a paciência com essa mulher.

— Não. Se quiser fralda e comida *pro* Davi, vai ter que deixá-lo aqui! — insiste.

Mulher dos diabos!

Cheio de ódio, pego o bebê-conforto e volto pelo caminho que cheguei. Ouço a porta bater nas minhas costas conforme atravesso o terreno

da chácara, em direção à minha caminhonete. Passadas que vão diminuindo à medida que vou me dando conta da besteira que estou prestes a cometer. Olho para baixo, mal podendo ver o garoto dormindo, e minha ficha vai caindo com a decisão estúpida que tomei.

Eu aceitei cuidar de um bebê.

Eu. Aceitei. Cuidar. De um. Bebê.

Sem ter uma mamadeira de leite.

Bato a mão na testa, sentindo raiva de mim mesmo. O orgulho que engulo desce como arame farpado enquanto volto e bato outra vez na sua porta, depois de ter desligado os faróis da caminhonete que deixei acesos. A desgraçada me atende com um sorrisinho convencido quando estico o garoto na sua direção. Ela o pega e sorri para ele de um jeito muito maternal que fissa minha atenção por um segundo.

— Muito bem — sussurra, erguendo os olhos para mim. — Amanhã, se a mãe dele ainda não tiver voltado, decidimos o que fazer.

Ela está fechando a porta quando coloco o pé no limiar, impedindo-a.

— Se o Davi fica, eu também fico — determino.

O sorrisinho convencido em Daiane some imediatamente.



Maldito sofá duro. Será que essa mulher ganha tão mal que não pode comprar um estofado mais confortável, não? A noite aqui não foi fácil. A começar que Daiane relutou a aceitar que eu ficasse aqui. Mas bati o pé dizendo que não deixaria o chorãozinho com ela sem que eu ficasse junto porque, bem... de certa forma eu é que estou com a responsabilidade de cuidar dele. A pediatra aceitou, a contragosto, e mesmo que eu tenha visto uma segunda porta na sua casa — que considere ser um quarto — a maldita me fez dormir no sofá mesmo.

Minhas costas que lutem.

Depois, ouvi Davi chorar praticamente a noite inteira. Ela andou para lá e para cá com o menino, mas fingi que estava dormindo. Eu hein, ela não quis cuidar do garoto? Que cuidasse então. Eu já estava dormindo mal, não ia mesmo me sacrificar ainda mais. Tratei de apertar o travesseiro contra meus ouvidos e tentar ignorar o máximo que consegui. Depois, em algum momento perto das três da manhã, todo o choro era um choro abafado.

Acordo e ainda está amanhecendo, como de costume. Calço minhas botas, tentando ignorar o *fuzuê* que ela faz na cozinha quando nem são seis da manhã ainda. Acostumei-me tanto ao silêncio da minha solidão que essa *bateção* de panela está me dando nos nervos. Vou até lá e a vejo dentro de um jeans justo e camisa xadrez, os cabelos amarrados em um rabo de cavalo

bem-arrumado. Está testando a temperatura do leite em uma mamadeira na palma da mão. Davi está no seu bebê-conforto, quietinho com a chupeta na boca.

— Ei, Chorão — digo para ele, mantendo certa distância. O menino abre um enorme sorriso para mim, como se eu tivesse o elogiado. Daiane se vira na minha direção, e vejo bolsões abaixo dos seus olhos verdes. — Noite ruim? — zombo, encostando-me ao batente da porta.

— Ha-ha-ha. — Finge uma risada. — Acho que ele está sentindo falta da mãe — diz, sentando-se de frente para o garoto em cima da mesa. Ela coloca a mamadeira na boquinha dele e me encara. — Você teria ficado doido se tivesse ido embora. Ou não, né? Porque não moveu um músculo naquele sofá. Como consegue dormir feito pedra dessa maneira?

— Na verdade, eu ouvi tudinho — digo, cínico. — Quase fiquei doido do mesmo jeito.

Daiane semicerra os olhos na minha direção.

— Você viu que o Davi estava inquieto, me viu a *noite toda* tentando acalmá-lo e não foi oferecer *uma ajuda*?

Dou de ombros, sem sair do lugar.

— Você quem insistiu para ele ficar, não foi?

Ela entreabre os lábios, incrédula, e depois balança a cabeça de um lado a outro.

— Onde tem um banheiro aqui? — pergunto.

De má vontade, ela diz que no fim do corredor. Vou para lá, urino, lavo as mãos e o rosto, faço um bochecho com água e pasta de dente e escovo os cabelos com os dedos. Encaro-me frente ao espelho redondo e pequeno, perguntando-me por que fui me comprometer. Maldito orgulho. Suspiro e, por algum motivo, dou uma olhada no seu ambiente. A pia dela é organizada, pequena e redonda, em cuba. Tem alguns poucos itens sobre a bancada que imita mármore, mas sei que não deve ser, como produtos de higiene bucal, maquiagem e essas coisas.

Afasto-me, voltando para a cozinha.

— O que vamos fazer? — pergunto, parando na porta outra vez.

— Você quer café? Passei um fresquinho agora há pouco — responde, enquanto a assisto terminar de trocar a fralda do menino, usando uma grande como no dia anterior. Aceito a oferta e vou até sua garrafa térmica sobre a pia, servindo uma dose em uma xícara que pego no escorredor de pratos. — Vamos esperar, talvez a mãe dele apareça. Talvez até já esteja no bairro, foi para sua casa e não te viu lá e está desesperada atrás do filho.

— Vou dar um pulo na fazenda e conferir — digo, assoprando o líquido preto quente. — E na casa dela. Se ela voltou, deve estar em um desses lugares.

Ela balança a cabeça em positivo, terminando de trocar o garoto.

— Se ela não estiver em lugar nenhum, vamos aguardar vinte e quatro horas para só então acionarmos a polícia. A que horas ela saiu da sua casa?

— Umas cinco e meia.

— Certo. Se até cinco e meia de hoje essa menina não aparecer, procuramos a polícia. Vá ver se por acaso ela já não está na fazenda — manda, em um tom que não me agrada. Cruzo os braços e permaneço no lugar, arqueando uma sobrancelha. Ora, quem ela pensa que é para falar comigo dessa maneira? — Se não estiver em lugar nenhum — prossegue —, vai precisar ir à cidade e comprar algumas coisas. Uma fórmula específica para a idade dele, porque essa minha não é, e fraldas que caibam nele. Ah, e tenta achar umas roupinhas na casa dele, senão vai precisar comprar também.

Daiane cospe essa montoeira de ordens como se eu fosse a droga de um criado. Permaneço no lugar, encarando-a, sem que note porque está concentrada no menino, conversando com ele. Um segundo mais tarde, a mulher me olha, curiosa com minha falta de respostas.

— O que foi?

— Por que eu é quem tenho que ir comprar as coisas para esse pirralho?

Ela parece ponderar um segundo. Levanta-se e diz, colocando a mamadeira vazia na pia:

— Quer ficar aqui, no meu lugar, e cuidar dele você? Aí eu vou na cidade e compro tudo o que ele precisa.

Um arrepio sobe pela minha coluna só de imaginar em ficar com Davi. Suspiro, vencido. A desgraçada tem razão.

— Me faça uma lista.



Chego até onde Liliana mora, uma casa de alvenaria, sem reboco, no alto de uma colina na região. Estaciono a picape no pé do morro e preciso terminar de chegar a pé, por conta de uma escada que leva até lá em cima. Bato na porta, chamando por ela, mas não recebo nenhuma resposta. Forço a madeira um pouco e vejo que está destrancada.

Entro com cuidado, observando os cômodos pequenos à minha volta. A cozinha está um pouco bagunçada, tem roupinhas de bebê estendidas na varanda logo ao lado, e a sala tem dois sofás puídos. Por algum motivo, meu coração se aperta um pouco. Não tinha muita noção de como Liliana vivia. Atravesso a sala, indo em direção à porta logo em frente, e me deparo com um quarto. A cama está bagunçada, tem uma cômoda de madeira, um espelho pequeno na parede e um berço perto da janela.

— Diacho, garota, onde você se meteu? — resmungo, abrindo uma gaveta da cômoda.

Por sorte, na primeira já encontro roupas dele. Escolho algumas, sem me preocupar muito com o que estou pegando. Encontro uma mochilinha encostada ao pé da cama e enfio tudo dentro dela. Volto para a picape e viajo até a fazenda, numa última esperança de encontrar a danada lá. Entretanto, não a encontro. Isso acaba por me obrigar a comprar as coisas que estão na lista. *Inferno*. Odeio ir à cidade. Odeio ver gente. Odeio aglomeração. No centro urbano tem isso tudo. Evito ir lá tanto quanto é possível.

Pondero uma segunda opção, então. Falar com Alex, meu primo. O cara tem uma microempresa de fretagem. Posso pedir para que compre e me traga aqui. Aperto a ponte do nariz, pensando que essa maldita lista vai levantar suspeitas e não estou mesmo a fim de ter que explicar isso. Bem, penso numa desculpa. Procuro pelas horas e constato que deve chegar em breve. Hoje é dia de ele vir buscar provisões para a lanchonete do Guilherme,

então vou aproveitar e entregar a lista. Minutos mais tarde, ele chega — ouço os motores do seu veículo. Vou até o lado de fora, vendo-o descer do carro, contornar a carroceria e pegar a filha pequena. Pousando-a no chão, caminha com ela na minha direção, segurando-a pelas mãos, a menina saltitando com uma mochila nas costas. *Alguém faltou à escola*, penso. Assim que me vê, ela vem correndo na minha direção, gritando um “tio Kenny!”. Dou um passo atrás, como se eu estivesse sendo atacado por um zumbi.

— Não chegue perto, coisinha — digo para ela, antes que se aproxime demais.

Sinceramente, não sei por que ela está tão feliz em me ver. Dificilmente sou simpático com crianças (convenhamos, dificilmente sou simpático *com qualquer um*) e não entendo por que Alicia insiste em ter minha amizade. Deve ser porque, tempos desses, ela veio aqui com o Alex buscar algumas mercadorias e, para que parasse de tagarelar na minha cabeça, eu lhe dei um docinho.

— Calma, Kenny — Alex adverte, divertido —, é só uma criança. Ela não morde.

Reviro os olhos e, delicadamente, com a ponta dos dedos, empurro a menina para longe de mim. Ela faz cara feia e volta para o pai, abraçando-o pela cintura. Meu primo pergunta se a mercadoria do Guilherme já está pronta e eu digo que sim. Ele sabe onde fica e por isso vai lá buscar, a menina não querendo ficar perto de mim e preferindo acompanhar o pai. Depois que carrega sua caminhonete e paga pelo que comprou, digo:

— Preciso de um favor. — Tiro do bolso de trás da minha calça jeans a lista que Daiane fez e alguns reais. — Me traga essas coisas. — Estico o dinheiro e o papel.

Alex pega, desdobra a lista e confere. Vejo quando seu cenho vinca em confusão.

— Por que você quer esses produtos para bebês? — pergunta, curioso. Ainda estou elaborando uma resposta quando ele supõe: — Não me diz que alguma mulher apareceu aqui na sua porta com um bebê dizendo que o filho é seu?! — Mais uma vez, estou pensando em responder e mais uma vez ele se intromete: — Danadinho você, hein. Achei que não tivesse saído com mais ninguém desde a morte da Lena.

Aperto o maxilar, não gostando que mencione minha falecida esposa.

— Sou viúvo, Alex, não celibatário — rebato. A morte de Helena não me fez entrar em um voto de castidade. Demorei algum tempo até ter uma mulher esquentando minha cama outra vez, mesmo que de forma casual porque não permito qualquer conexão amorosa, mas tive. — E também não sou idiota. Eu me cuido — falo.

Ele dá de ombros, pouco se importando, e ainda esperando uma resposta minha.

— Olha, isso não é da sua conta, *tá*? Só me traga o que te pedi. Vou ficar em casa o dia todo — sentencio. Não espero uma resposta sua. Entro na minha picape estacionada ali e dirijo de volta à casa de Daiane.



Por algum motivo que só Deus é capaz de compreender, sinto um certo temor quando não encontro Daiane na chácara. A casa está trancada, o Jeep dela não está estacionado em lugar nenhum. Eu deveria mesmo me sentir aliviado que ela deu um fim no pivete, mas não consigo sentir alívio nenhum com isso. Só consigo me perguntar onde diabos se meteu com o garoto e ficar...

... preocupado?

Aperto os olhos e balanço a cabeça em negativo, dizendo a mim mesmo que não estou *preocupado* nada. Só quero mesmo saber onde ela se meteu com o menino porque tecnicamente ele é minha responsabilidade.

Certo. É isto.

Volto para a picape e penso por mais um segundo. Manobro-a no terreno e sigo até a fazenda onde ela trabalha. A viagem dura bem uns vinte minutos, porque é relativamente longe e a estrada é ruim. Estaciono o veículo na porteira da grande propriedade, que é ladeada por uma guarita. Abaixo o vidro, encarando o funcionário do outro lado. Pergunto por Daiane, a pediatra. Ele faz alguns contatos e libera minha entrada, orientando-me como chegar até a desgraçada.

O percurso é rápido e paro a picafe de frente para uma casa comum de alvenaria. Lá dentro, tem uma recepção simples. Há um grupo de umas cinco mulheres circulando uma mesa, emitindo sons típicos de pessoas idiotas que falam com bebês e cães. Não demoro a notar que as madames estão paparicando Davi. Pigarreio, alto, chamando atenção das senhoras. O círculo em torno do menino — que tem um sorriso enorme e está gargalhando baixinho — se desfaz. Daiane está sentada atrás da mesa, sorrindo abertamente e brincando com a mãozinha dele. Um balançar diferente acontece dentro de mim diante a imagem. O sorriso dela tão... genuíno, bonito, retribuído pelo menininho. Quando ela me olha, me recordo do motivo de ter vindo aqui.

— Por que surripiou o menino? — pergunto, severo.

Ela me encara seriamente, a cara de quem está surpresa com meu tom de voz e meu questionamento.

— Não *surripiei* ninguém, Kenny. Eu precisava vir trabalhar e tive de trazer o Davi comigo. Ou queria que o deixasse sozinho? — devolve, venenosa. Não gosto da sua resposta atravessada, mas também não digo nada. — Você já comprou tudo o que te pedi?

— Odeio ir na cidade. Deleguei alguém. Logo chega. As roupinhas, trouxe as que peguei na casa dele.

Daiane se levanta e pega o bebê-conforto, vindo até mim e me entregando-o. Pego, no automático, sem entender sua atitude, ainda mais quando se agacha e pega uma mochila, também me entregando.

— O que diabos pensa que está fazendo? — pergunto.

— Ué, preciso trabalhar. Já conversei com meu patrão e vou ficar até o horário do almoço. Se precisarem de mim, vão me ligar. Depois, vou te encontrar. Vai estar na sua fazenda, né?

Fito Daiane como se ela tivesse ficado completamente louca. Talvez tenha. Ela está sugerindo que eu... cuide do pivete? *Sozinho*? Pelo amor de Deus, ela tem merda na cabeça? A mulher começa a tagarelar uma porção de coisas, metralhando-me com mais informação do que posso receber, ainda mais considerando que meu cérebro parou de funcionar direito no instante que entendi sua sugestão de cuidar do moleque.

— ... a medida da fórmula está na lata e tem que colocar duas em

água morna. É bom conferir a temperatura e depois fazê-lo arrotar, assim — diz, pegando uma boneca atrás de si e me mostrando como devo fazer. — A fralda não é difícil...

— Dá para você calar a porra da boca — rechaço, cansado da sua faladeira.

A mulher para de falar imediatamente, olhos arregalados, e fica muda por um segundo. Logo em seguida, aponta o dedo na minha cara, pronta a não levar desaforo para casa, mas não a deixo começar a jogar os cachorros em mim.

— Você quer que eu cuide desse moleque, sozinho? — Minha pergunta sai mais rude e mal-humorada do que ponderei. Ouço burburinhos atrás de mim e os ignoro.

— Kenny, é só uma criança. Você vai sobreviver pelas próximas quatro horas cuidando dele até eu conseguir me organizar aqui. Pouco depois do almoço já estarei na fazenda.

Olho para Davi no cadeirão, que está me encarando de volta, com seus olhinhos bem redondos, aveludados, os cílios longos, concentrado em mim com curiosidade e até uma pitada de ingenuidade. Engulo em seco. *É só uma criança.*

— Tudo bem, você não dá conta, né? — pergunta, já esticando os braços para pegar Davi de mim. Tiro-o de seu alcance como se fosse um leão protegendo o filhote. Nada me tira tanto do sério quanto duvidar da minha capacidade.

Provavelmente não dou conta mesmo de cuidar de um bebê, mas sou orgulhoso demais para admitir isso. Além do mais, que raio de homem eu seria se não conseguisse cuidar de um serzinho que só come, dorme e caga?

— Vou cuidar dele — digo, incisivo.

Daiane me dá um sorriso de quem sabe que me ludibriou.

Desgraçada.



Coloco Davi sobre a mesa assim que chego em casa. Ele está quietinho enquanto me olha, sugando a chupeta. Daiane amarrou uma fralda na argola e a ponta solta está contra seu rosto. Tiro as mochilas do meu ombro e as apoio também no tampo de madeira. Reviro a que a pediatra me deu e encontro a fórmula de leite. Tem algumas instruções no verso de como preparar o leite e o faço assim que o menino começa a resmungar de fome outra vez. Deixo a água amornar e misturo o pó. O menino já começa a se esgoelar quando me aproximo. Coloco o bico na sua boca. Davi suga, mas o faz resmungando.

— Não está gostoso? — indago, como se ele realmente pudesse responder.

Ele mama e chora ao mesmo tempo, o que me irrita. Tiro a mamadeira da sua boca e avalio a situação. O choro do garoto aumenta por ter tirado seu leite. Desprendo-o do bebê-conforto e o pego no colo, tentando acalmá-lo. Davi para de chorar um pouco, imediatamente. *Mas que diabinho esperto.*

— Era isso que você queria, espertinho? — falo, arrumando-o nos meus braços, desajeitadamente.

Demoro até encontrar uma boa posição. Consigo segurá-lo com um braço só, minha palma no seu bumbum, sua cabecinha na curva do meu braço. Pego a mamadeira e coloco em sua boca de novo. Agora, mais calmo, ele toma seu leite, os olhinhos sempre fixos em mim, como se estivesse... criando uma conexão comigo.

Distancio-me desses pensamentos absurdos e me concentro para amamentá-lo direito. A última coisa da qual preciso é de ele se engasgando. Como diabos eu desengasgaria uma criança? Numa pessoa adulta a gente dá um socão nas costas, mas num bebê de dois meses...

Aos pouquinhos, conforme suga o líquido quente, o pequeno vai se rendendo ao sono. Os olhinhos dele se fecham, as sugadas diminuem em ritmo e constância, até que sua boquinha para, mas o bico da mamadeira continua ali. Tiro-a vagarosamente, conferindo que ele tomou tudo, até a última gota. Outro daquele balançar estranho acontece dentro de mim quando fixo minha atenção nele, no modo como o rostinho dele se vira contra a curva

do meu braço, acomodando-se ali. Consigo sentir sua respiração calma e quentinha contra a pele do meu bíceps forte.

Como se eu tivesse levado um choque de realidade, decido que preciso me livrar dele. No caminho até meu quarto, contudo, me recordo de Daiane dizendo que preciso fazê-lo arrotar. Puxo no fundo da minha memória as instruções daquela diaba de jaleco e, da melhor maneira possível, coloco-o de pé. Seguro suas costinhas e o pressiono contra meu peito, mantendo sua coluna estabilizada. Dou batidinhas de leve, o mais leve que consigo, e, ainda assim, acho que estou sendo bruto demais. Não leva muito tempo para Davi arrotar. Aliviado por ter feito tudo certo, coloco-o na minha cama. Jogo uma coberta em cima dele e me afasto, avaliando-o. Ando até a janela e fecho as cortinas, mergulhando o quarto em uma escuridão parcial.

Tudo isso para que ele fique mais...

Droga, inferno!

Ando de um lado a outro, perguntando-me por que estou me importando tanto com esse pivetinho a ponto de querer lhe dar um pouco de conforto. Obrigo-me a ficar calmo e me sento na cama. Pela primeira vez no dia hoje, desde que acordei, sinto fome. Mas o cansaço é maior. Olho Davi por cima dos ombros, cochilando bem tranquilo, e suspiro. Não dormi bem essa noite. Ele chorou muito e aquele maldito sofá também não me ajudou. Preciso só... de quinze minutos de cochilo. E nada mais. Deito-me, de bota e tudo, ao lado do menino, e me aconchego, quase sem perceber, bem pertinho dele. Meu nariz perto do seu, sentindo sua respiração quente que vai me embalando...



— ***Olha lá, veja se*** não é uma graça. — Ouço uma voz no ambiente e desperto aos poucos, tentando me localizar.

— Sim, nem parece que é um ogro — uma voz masculina responde, dando uma risadinha em seguida.

Mas o quê?, penso, abrindo os olhos devagar. Vejo-me deitado de lado e encontro os olhinhos amendoados de Davi. O menino sorri outra vez para mim, inocente. Ao me virar na cama, dou de cara com Daiane e Alex parados no umbral da porta, lado a lado, rindo da minha cara e da situação patética em que me encontro. Levanto-me num salto, ainda meio zozzo de sono, e os encaro seriamente.

O maldito do Alex está dando um sorrisinho cínico, e Daiane não esconde a vontade desesperada de rir de mim. Olho para trás, para o menino na cama, agora atento a alguma coisa no meu forro de eucalipto, e compreendo o motivo de deboche desses dois. Resolvo ignorar que estão tirando uma onda comigo e olho para meu primo.

— Trouxe tudo o que te pedi? — pergunto, mal-humorado.

Ele indica com a cabeça em direção à cozinha.

— Está tudo em cima da sua mesa.

Abano a cabeça uma única vez.

— Todo o dinheiro que te dei foi suficiente ou ainda te devo alguma coisa?

— Não me deve nada.

— Ótimo. Suma daqui — ralho, e o desgraçado ri, dizendo que precisa mesmo ir, pois tem que buscar a filha que ficou sob os cuidados de alguém.

Ele se despede de Daiane, com quem, noto, tem certa intimidade. Eu a deixo sozinha no quarto com Davi e vou para o banheiro. Lavo o rosto e me concentro um minuto inteiro na minha imagem refletida no espelho antes de voltar para lá. O quarto está vazio, assim como a cama onde o molequinho dormia. Sons vêm da cozinha e sigo para lá. A pediatra, toda invasiva, está preparando uma mamadeira para o menino, resmungando no cadeirão sobre mesa. Ela cantarola e conversa com ele, como se para acalmá-lo e distraí-lo. Paro no limiar da porta, observando-a outra vez. É o modo carinhoso e a atenção genuína que dá ao menino que me fazem... admirá-la de um jeito diferente.

Meu estômago ronca alto, chamando atenção da mulher de costas para mim. Ela se vira na minha direção e não deixo de ficar ligeiramente envergonhado. Só então me dou conta de que não comi nada até agora. Nem me lembro quando foi minha última refeição.

— Davi não deu muito trabalho, não é? — pergunta, de um jeito até meio debochado. — Até conseguiu dormir. E pelo jeito que você roncava, dormiu e não foi pouco.

— Eu não ronco! — protesto, um pouco indignado.

Ela ri da minha cara, colocando o bico da mamadeira na boca do menino.

— Só não roncou mais que seu estômago agora.

Reviro os olhos e caminho até o fogão. Preciso mesmo comer alguma coisa. Destampo as panelas, que estão praticamente vazias. Inferno. Não tem nada pronto agora. Procuro pelas horas e noto que passa pouco do meio-dia. Abro a geladeira, atrás de alguma coisa rápida para comer. Roubo alguns pedaços de queijo e os jogo na boca.

— Preciso de comida de verdade — resmungo, encostando-me à pia. Daiane não diz nada. Está ali, apenas amamentando o menino, sentada de frente para a mesa, toda carinhosa com Davi.

Engulo em seco, dando-me conta do quão ingrato e mal-educado estou sendo por até agora não ter dito nem mesmo um “*muito obrigado, diaba de jaleco*”. Ela está me ajudando, e eu deveria ao menos ter agradecido.

— Você já almoçou? — pergunto de repente, em um tom calmo demais até para mim.

O olhar que ela me lança diante à minha oferta é o mesmo que eu daria a mim mesmo se estivesse no seu lugar. Pisco um par de vezes, questionando-me por que realmente considerarei, por um mísero segundo, convidá-la.

— Ainda não — responde cuidadosamente, como se também estranhasse o surto de educação que me acometeu.

E agora, Deus, o que eu digo? Era para essa desgraçada ter dito “*sim, obrigada*”, porque daí frustraria essa ideia absurda e insana de querer convidá-la para almoçarmos juntos. Mas claro que ela precisava fugir do roteiro. E isso me deixa numa maldita situação complicada aqui. Se a convidar, vai dar um pane no seu cérebro, certeza. Se eu apenas der de ombros, vai soar de uma rudeza que é demais até para um cara como eu.

— Estou cheio de fome — assobio, como quem não quer nada. — E tô pensando em ir na lanchonete no meu primo comer alguma coisa porque não tem nada pronto aqui. Então... ahn... — murmuro, parecendo uma pessoa com meio cérebro porque não consigo completar uma sentença simples.

— Fico com o Davi, não tem problema. Pode ir sossegado — diz, remexendo-se na cadeira. Se faz de sonsa, a diaba, porque pelo modo como fica sem-graça, dá para notar que compreendeu que estou tentando convidá-la a ir comigo.

Eu também deveria me fazer de doido e deixar isso para lá. Ir à lanchonete do Guilherme e evitar as piadinhas idiotas que surgiriam se aparecesse acompanhado de uma mulher e um bebê. Acontece que não consigo deixar isso para lá. Por qualquer motivo que seja, quero que vá comigo.

Pigarreio e cruzo os braços, na minha melhor pose despretensiosa.

— Não, não é isso. Você *tá* me ajudando muito, acho que nada mais justo que te pagar um almoço, sabe? O Gui abriu uma lanchonete lá na cidade tempinho atrás e trabalha com hambúrguer artesanal e é muito bom. Deveria experimentar.

— Eu vou lá com frequência — diz, apoiando a mamadeira vazia na mesa. Com cuidado, ela pega Davi no colo e o coloca para arrotar. — Adoro aquele lugarzinho e a comida do Gui. — Ela olha para o menino e limpa a boquinha dele quando regurgita. — Podemos ir quando você quiser.

Peço apenas um minuto para tomar um banho e trocar de roupa — que é a mesma desde ontem —, e ela assente, dando-me um sorriso simpático. Quinze minutos depois, estou pronto e podemos ir. Davi está no bebê-conforto no banco de trás do meu Jeep Wrangler — é melhor para uma viagem mais rápida até o centro urbano —, quietinho com a chupeta na boca, e Daiane acomodou-se no banco do passageiro. Durante o trajeto que dura não mais que quarenta minutos — obrigado tração nas quatro rodas e chassi alto —, ela conversa comigo, pela primeira vez sem qualquer troca de farpas entre nós. Eu nem pedi, mas a mulher desembestou a falar da sua vida, de como saiu da cidade e veio parar aqui. Não sei se ela me contou por querer tagarelar pura e simplesmente, ou se estava tentando me incentivar a contar mais sobre mim. De qualquer forma, ouvi cada maldita palavra dela sem me sentir de saco cheio com isso. O que é estranho, muito estranho.

A lanchonete está movimentada quando chegamos. Encontro uma mesa mais aos fundos, contra a parede. Daiane se senta em uma ponta, eu me sento em outra, e Davi fica na cadeira na lateral, entre nós dois. Demora cinco minutos para escolhermos o que comer. Opto por um lanche de hambúrguer artesanal com queijo, presunto, alface e tomate, fritas e refrigerante. Daiane quer suco natural de laranja e lanche de frango no pão integral. Assim que decidimos, vou fazer o pedido.

Meu primo está aqui, atrás do balcão, com um sorriso caloroso, camisa branca, jeans e avental. Torci para que ele não estivesse na lanchonete porque sei que, assim como Alex, o maldito vai fazer alguma piada com o fato de eu estar com um bebê. *Uma mulher e um bebê*. Mas ele está aqui, trabalhando, como sempre. Maldição.

— Olha só, quem é vivo sempre aparece — o cara debocha, limpando

as mãos em um pano de prato.

— Diz como se eu não viesse aqui com alguma frequência — respondo, apoiando o cotovelo contra o balcão. Odeio vir à cidade, já disse isso, e uma das poucas exceções é para vir comer na lanchonete do Gui. — Anota meu pedido, vai, Guilherme — digo, querendo parar de jogar conversa fora.

O cara ri e tira do bolso do avental um bloquinho e caneta. Passo o pedido para ele e informo a mesa. É claro que o fato de eu pedir coisas em dobro chama a atenção do cara e ele olha por cima do ombro. Um sorriso vai surgindo na boca cretina que ele tem.

— A pediatra, é? Sei que estava passando da hora de arrumar um encontro, primo, mas justamente com uma mulher que adora crianças? — diz, dando batidinhas da caneta no papel, sem me olhar. — Bom, talvez aquele bebê amoleça esse coração de pedra. Aliás, de quem é essa criança?

— Da vadia da sua irmã, babaca — respondo, do meu jeito mal-humorado e grosso. Guilherme só faz rir, sem se sentir ofendido porque está acostumado com minhas grosserias e ele nem é tão próximo da irmã por parte de pai que tem. — Traga logo meu pedido antes que eu morra de fome.

Estou me retirando quando Guilherme me chama outra vez.

— Tenho uma coisa para você. Espera aí. — Ele vai até os fundos da lanchonete e volta segundos depois, trazendo um envelope branco nas mãos. — A Liliana te deixou isso aqui e me pediu para que te entregasse — diz, esticando-o para mim.

Franzo o cenho, confuso e curioso, e pego o envelope.

— Quando ela te entregou isso?

— Ontem. Eram quase sete horas. Pediu que eu entregasse *pro* Alex, *pra* ele te levar hoje cedo, quando fosse buscar as mercadorias para mim.

— É mais de meio-dia, cara. Por acaso não aprendeu a ver as horas?

O homem ri, balançando a cabeça de um lado a outro.

— Te liguei cedinho, *pra* avisar sobre a carta e dizer que não consegui encontrar o Alex a tempo, porque cara saiu mais cedo que o comum, mas você não atendeu o telefone fixo.. — Seus olhos claros miram

acima dos meus ombros, logo atrás de mim. O desgraçado balança as sobancelhas na minha direção. — Entendi por quê. Não dormiu em casa e já até sei onde passou a noite.

— Ah, vá se foder, Guilherme — retruco, dando-lhe as costas e voltando ao meu lugar.

Caio na cadeira e olho fixamente para o envelope.

— O que é isso? — Daiane pergunta, limpando a boquinha de Davi com a fralda.

Reviro os olhos, impaciente com a pergunta.

— É um envelope, não está vendo?

— Meu Deus, Kenny... — reclama. — Ao menos uma única vez pode ser mais gentil?

Molho o lábio inferior e suspiro, baixando um pouco a guarda. Passo o envelope entre meus dedos, concentrado nele, com medo do que possa estar escrito aqui. O que Liliana tinha a me dizer que teve de fazer isso em uma carta e me entregá-la por terceiros?

— Você não vai abrir? — pergunta, um pouco cautelosa, talvez já esperando por alguma resposta atravessada.

Dessa vez, porém, decido realmente ser um pouco mais gentil.

— Vou, mas não agora. O que quer que tenha escrito aqui, pode esperar. Vamos comer primeiro.

Ela me dá um sorriso bonito, de compreensão, e acena em positivo, voltando sua atenção ao pequeno garoto outra vez. Daiane conversa com ele — de um jeito normal agora —, brincando com sua barriguinha, fazendo cócegas nele, enquanto aguardamos nossos pedidos chegarem. De repente, penso em Helena, naquele dia fatídico que ela morreu. Até anos atrás, pensava nisso todos os dias. Depois, fui me habituando e bloqueando esse tipo de lembrança dolorosa. Minha mente vai da morte dela para o desejo que ela tinha em ter um bebê, como isso foi bruscamente interrompido. Olhando para Daiane agora, uma tristeza diferente da que sinto normalmente me abate. Não é apenas a falta que ela me faz. Não sei explicar direito o que sinto diante dessa diaba de jaleco branco toda amorosa com o menino, com uma aura maternal que...

... me emociona?

Suspiro e desvio os olhos, tentando afastar pensamentos e sentimentos. Um segundo depois, Guilherme surge, ele mesmo vindo entregar o pedido para ter o prazer de me lançar um sorrisinho debochado. Troca alguns cumprimentos com a pediatra, brinca com o espertinho no cadeirão e se retira. Começamos a comer em silêncio, eu me sentindo mais mal-humorado do que de costume.

— O Theodoro me disse que nem sempre você foi rabugento dessa maneira — Daiane menciona, limpando os lábios com um guardanapo de papel. — Quer dizer, ele me contou que é bem do seu feitio ser chato e antissocial, mas que... seu jeito piorou por causa da...

— E por que é que você anda especulando minha vida com o Theodoro? — interrompo-a, erguendo uma sobrancelha.

Também pego alguns guardanapos e limpo os dedos engordurados.

— Não estava especulando nada — ela rebate, com um ar de ofendida. — Fui levar o Jeep para trocar o óleo, e o Theo perguntou o que achei do serviço do funileiro que ele me indicou para limpar a bagunça que você fez — explica, fechando a cara imediatamente ao mencionar o episódio em que pichei seu carro.

Dou de ombros, como sempre pouco me importando por ter passado do limite, e bebo um gole do meu refrigerante.

— E? — indago, gesticulando para que continue me contando.

— E aí eu reclamei desse seu atrevimento, da sua falta de educação e da sua *rabugentice*. O Theo comentou que seu humor piorou desde que sua esposa faleceu, mas que, antes disso, até que você era um cara legal.

Desvio os olhos outra vez, engolindo um pedaço grande demais de hambúrguer. Preciso de outra dose do meu refrigerante para ajudar a descer. Theo tem razão. Nunca fui lá o cara mais simpático do mundo, mas com a morte de Lena fiquei insuportável. Não consegui mais conviver direito com as pessoas, sempre descontando nelas minhas dores, usando-a como pretexto para ser um babaca. Por isso, pouco meses depois que ela se foi, vim me isolar. E prefiro ficar assim, na maioria das vezes.

— O que aconteceu com ela, Kenny? — Daiane pergunta, com

cuidado.

Dou uma risada amarga. Penso em não contar, mas a morte da minha esposa não é segredo para ninguém. Se eu não contar, um dos meus primos boca-grande vai.

— Ela morreu afogada, tentando salvar uma criança — conto, sentindo um nó entalado na minha garganta. — Estávamos no litoral, em lua de mel...

— Ai, meu Deus — murmura, estarrecida.

Abano a mão, tentando amenizar a informação.

— Não tínhamos acabado de nos casar, não precisa fazer essa cara. Tinha bem uns dois anos. Esperamos um tempo depois do casamento para viajarmos. Ela estava focada em terminar os estudos, eu estava focado no meu escritório de contabilidade na época que nos casamos. Juntamos algum dinheiro durante um tempo para só então termos nossa lua de mel.

Ela acena, limpando a garganta, e toma um pouco do seu suco. Inspiro profundamente antes de continuar:

— Uma criança estava se afogando, e a Helena foi a primeira a notar. Ela deveria ter pedido ajuda, só que... resolveu entrar no mar por conta própria e também começou a se afogar.

Engulo em seco, fazendo uma pausa necessária.

— Sinto muito, Kenny — sussurra, muito sincera. — Você não conseguiu fazer nada?

Balanço a cabeça em negativo.

— Eu tinha me afastado, ido comprar água de coco em um quiosque. Quando me dei conta, ela já estava pulando no mar. Eu... corri para Helena na mesma hora, enquanto outras pessoas também tentavam ajudar. Um cara chegou primeiro do que eu, mas ele não conseguiu socorrer os dois, e a Lena... — Suspiro, soltando todo o ar dos pulmões. — Priorizou a menina. Consegui nadar até ela e tirá-la do mar, só que era tarde demais.

Há um longo silêncio entre nós. Daiane parou de comer, e meu lanche também ficou pela metade, porque perdi a fome completamente. De repente, sem que eu espere, ela arrasta sua mão até a minha, acariciando-me em um

ato de consolo. O toque me pega desprevenido, mas não recuo. Olho para ela, que me dá um olhar de compaixão, e depois encaro seu toque. Por algum motivo, esse simples gesto mexe comigo.

— Na autópsia — continuo, minha voz saindo falha —, descobriram que ela estava grávida. Não sei se Helena queria me fazer uma surpresa ou se não sabia da gravidez.

— Isso foi terrível — diz, em um tom complacente. — Sinto muito por tudo.

Dou-lhe um sorriso fúnebre e não dizemos mais nada um ao outro. Olho para Davi cochilando no bebê-conforto, e um calor diferente toma posse do meu coração. Tento imaginar como seria se Helena ainda estivesse aqui. Aquela criança hoje teria uns quatro anos. Pergunto-me se eu teria sido um bom pai, porque minha esposa com toda certeza teria sido a melhor mãe de todas.

— Vamos? — pergunto quando começo a notar que Davi está causando um efeito diferente em mim, despertando sentimentos e desejos que não deveriam existir.

Daiane assente, e vou pagar a conta. Ela quer pagar pelo seu consumo, mas não a deixo. Guilherme está do outro lado da lanchonete e me lança sorrisos e olhares cínicos quando começo a deixar o local carregando o maldito bebê-conforto ao lado da pediatra. Como se ele próprio não estivesse se amarrando pelas bolas com a diretora do colégio da cidade. Idiota.

De volta à fazenda, eu me sento ao redor da mesa de madeira, com o envelope nas mãos e o encaro por um longo instante. Daiane se senta de frente para mim, como sempre colocando Davi no tampo e zelando por ele como se fosse sua própria mãe.

Abro o maldito envelope e tiro a carta de lá de dentro. Foi escrito em uma folha pequena de caderno, de caneta preta, com uma letra feminina e arredondada.

Seu Kenny, sei que nesse momento deve estar querendo me matar, mas juro que pensei muito nisso antes de tomar essa decisão. Como o senhor deve saber, Davi não tem pai, e eu só sou uma garota de vinte e um anos que queria ter ido trabalhar na cidade grande, talvez até estudado, ter saído

desse fim de mundo que é São José e feito minha vida. Mas a gravidez me impediu disso tudo. E a verdade é que não tô sendo uma boa mãe pra ele. Eu amo meu filho, seu Kenny, porque ele saiu de mim, mas ainda não servia pra essa vida, não. Eu sei que o senhor odeia criança, mas não encontrei pessoa melhor com quem deixar ele. O senhor tem uma boa fazenda e renda, tem tempo para ele, por favor, pode cuidar do Davi pra mim? Dar tudo o que eu não poderia dar? Eu fui embora, nem vou te dizer pra onde, e só o que quero é que cuide do meu filho como se ele fosse seu. O Gui me contou da sua esposa, do filho que iam ter juntos, tenho certeza que o senhor pode ser um bom pai pro Davi como ia ser pro bebê da Lena. Os documentos dele tão tudo lá em casa. A carteira de vacina, certidão de nascimento, até um RGzinho ele tem. Tá numa pasta, na última gaveta da cômoda. Por favor, seu Kenny, cuida dele pra mim. Não deixa o Davi crescer num orfanato quando ele pode ter uma boa vida aí com o senhor. E um dia quando ele tiver moço, diga que apesar de tudo eu amo ele.

Adeus,

Liliana.



— *O que diz na* carta? — Daiane pergunta.

Olho-a por cima do papel, piscando uma porção de vezes, ainda assimilando a porra que foi que acabei de ler.

Umedeço os lábios, sentindo meu coração acelerado. Espio Davi sobre a mesa, e, de repente, sinto uma pontada no peito. Sinto... por ele. Por ter sido abandonado e rejeitado pela própria mãe.

— Kenny? — a pediatra insiste.

— A Liliana... — digo, um pouco estarrecido — abandonou o menino. — Arregalo os olhos quando, numa fração de segundos, recordo-me das suas palavras na carta e me dou conta da responsabilidade que aquela desmiolada deixou nas minhas mãos. — E quer que eu cuide do Davi.

A expressão no rosto de Daiane me representa, e não sei pelo que mais ela está surpresa: pelo abandono do bebê ou por aquela criatura irresponsável dos infernos querer que eu cuide do pirralho dela.

— O que você vai fazer? — pergunta, dando uma espiada no garotinho.

Sigo seu olhar e noto que ele está desperto agora. Quando nossos olhares se cruzam, ele abre outro sorriso para mim, que me balança de um

jeito que não deveria. Levanto-me da minha cadeira imediatamente e fico de costas para os dois, caminhando até a pia e me apoiando nela. Diviso meu terreno no lado de fora através do vitrô e solto:

— Eu é que não vou assumir esporro de outro.

— Kenny! — Daiane me adverte severamente. Dou de ombros, sem coragem de me virar, tentando realmente não me importar.

Mas acontece que, lá no fundo, estou me importando. Como pode? Mal tem vinte e quatro horas que esse pivetinho está comigo e ele já está conseguindo me fazer me preocupar como nunca me preocupei com nenhuma criança antes. O mais próximo de uma criança que tenho alguma ligação é a Alicia, filha do Alex. Quando me mudei para São José, meses depois da morte de Lena, a garota tinha pouco mais de um ano, e sempre mantive certa distância quando nos encontrávamos. Nem mesmo tendo conhecimento que a desnaturada da mãe dela tinha ido embora no ano anterior eu tive qualquer tipo de sentimento como estou tendo agora. Por bem ou por mal, a pimentinha tem o pai. Ao contrário do Davi...

Deve ser por isso que estou tão...

... *tocado*?

— Você é um idiota, sabia? — ela ralha.

Viro-me na sua direção, inconformado com esse xingamento sem noção.

— Idiota? Idiota eu seria se aceitasse cuidar desse moleque, pelo amor de Deus. Daiane, olha bem para mim e vê se eu tenho cara de pai adotivo?

— Realmente, você não tem cara de ser pai. Nem adotivo, nem biológico, porque é um ogro sem sentimentos — diz, toda inconformada, pegando na alça do bebê-conforto. — Nem sei como foi capaz de amar a sua esposa.

Quando ela menciona isso, me aproximo da mesa em apenas uma grande passada, parando perto dela. *Perto demais*. Sinto o aroma de perfume e *shampoo* que exala dela penetrar minhas narinas e me desorientar por um instante.

— Nunca mais fale da minha mulher nesse tom — repreendo-a, e a

desgraçada apenas empina o nariz.

Mas, um segundo depois, seus olhos se suavizam diante de mim. Talvez tenha se dado conta do absurdo que deixou seus lábios, ou de como é ainda mais absurda a responsabilidade que Liliana deixou nas minhas mãos. Assim, sem mais nem menos. Um homem que não tem ligação nem afeto nenhum com o menino, um homem que *odeia crianças*. Aquela garota é completamente surtada, só pode ser.

— Me desculpe — pede, com um tom mais ameno.

Ela solta a alça do cadeirão e pega Davi no colo, sem nenhum motivo porque ele não chora nem resmunga. Vejo-a embalá-lo carinhosamente, e isso outra vez me dá aquela balançada esquisita.

Deus, o que está acontecendo comigo?

— Tudo bem — digo.

— Tem ideia do que vai fazer?

Passo a mão pelos cabelos e balanço a cabeça em negativo. Sei o que é o mais correto a se fazer nesse momento. Entregar Davi para o Conselho Tutelar e lá eles que se resolvam com o garoto. Mas a minha maldita consciência não está me deixando tomar essa decisão. Liliana me pediu para cuidar dele, para não o deixar ir para um orfanato porque ele pode correr o risco de crescer sem uma família ou ficar pulando de uma para outra.

O senhor tem uma boa fazenda e renda, tem tempo pra ele, por favor, pode cuidar do Davi pra mim?

...tenho certeza que o senhor pode ser um bom pai pro Davi como ia ser pro bebê da Lena.

Suspiro pesadamente, tentando ignorar as palavras dela da carta, de como pareciam impregnadas de súplicas. Não posso simplesmente aceitar essa loucura toda. Não mesmo.

— Acho que devíamos esperar — digo, umedecendo os lábios. — A Liliana pode ter agido meio... impulsivamente, sabe? Talvez se arrependa, talvez reconsidere, sinta falta do menino e retorne para casa.

— Sim... — Daiane concorda, com um mover ligeiro de cabeça, ainda balançando o menino. — Bobagem alarmarmos, assim,

precipitadamente, não é? — sussurra essa última parte, a voz saindo com um tom carinhoso enquanto seus olhos estão presos no menino.

Minha resposta, por um instante, é só um balançar de cabeça. É então que me dou conta que *eu* quem vou precisar cuidar dele por esse tempo — que nem sei quanto é —, e Deus do céu! Não tenho ideia de como vou fazer isso. Ao menos não sem uma ajuda decente.

— Devíamos esperar uma ou duas semanas — Daiane sugere. Ela pega a fralda presa na chupeta e coloca perto do rostinho dele. O cheiro parece agradá-lo.

— Se Liliana não voltar nesse período, vamos procurar o Conselho Tutelar. — murmuro. Ela concorda com um único mover de cabeça, enquanto sorri e balança o menino. — Você... hã... — Limpo a garganta. — Pode me ajudar a cuidar dele, durante esse tempo?

Ela ergue o olhar na minha direção, mostrando um sorriso bastante convencido. Reviro os olhos, sentindo meu orgulho sendo ferido ainda mais.

— Só se você me pedir por favor e com jeitinho — a danada propõe.

Cruzo os braços, semicerrando os olhos na sua direção.

— Vai me ajudar ou não, Daiane? Porque se não for, encontro alguém disposto.

— Ah, é? E quem mais além de mim vai suportar esse seu humor horroroso? Sabe que nem seus amados primos, Gui, Alex e Theodoro, te suportariam por muito tempo com um bebê.

Maldita.

Fico quieto por longos segundos, recusando-me a ser educado nesse nível. Ela segue me encarando com seu olhar e sorriso convencido. Bufo, impaciente, e desvio os olhos. Não vou ceder!

— Vamos, Kenny, eu te ajudo — a desgraçada debocha. — Se diz assim: “Daiane, por favor, você pode me ajudar a cuidar do Davi?”. Mas tem que ser com jeitinho — diz, segurando uma risada. — Vai, repete comigo. “Da-i-a-ne, por fa-vor...”

— Ai, cala a boca! — rechaço, impaciente com esse silabar dela, como se eu fosse alguma criança sendo alfabetizada. — Tudo bem, diaba de

jaleco! Eu peço por favor. Quer que me ajoelhe também?

Ela ri, devolvendo Davi, que agora dorme, no cadeirão.

— Com jeitinho, Kenny. Não adianta pedir por favor sendo um cavalo dessa maneira!

Resmungo, irritado. Inspiro fundo, tomando ar para os pulmões. Encontrando uma paciência e simpatia que não tenho, peço:

— Daiane, por favor, você pode me ajudar a cuidar do Davi?

A pediatra se dobra de rir da minha cara, mas pelo menos aceita me ajudar.

Inferno!



Volto pouco depois das oito da noite. Após minha conversa com Daiane, decidi me isolar no escritório e trabalhar durante parte da tarde, até receber uma ligação de Guilherme querendo que me encontrasse com ele na lanchonete após o expediente. Parece que convocou Theo e Alex também. Já estava de ante aviso com essa convocação. Semanas atrás, ele veio aqui com Danilo — o pirralhinho filho da diretora do colégio — passar um dia na fazenda, e comentou alguma coisa por cima. Fui, apesar de não querer, e a pediatra ficou cuidando do menino para mim. O desgraçado só queria chorar suas pitangas porque realmente se apaixonou pela Heloísa. De brinde, ganhou um mini terrorista. Fiquei por pouco tempo, sem muita paciência para as choradeiras amorosas dele, até porque já estava irritado demais com o fato de ele ter demorado a me entregar a maldita carta, e vim embora. Não sem antes roubar duas cervejas do engradado dele como recompensa por aguentá-lo falando do que está começando a sentir pela tal diretora, mas também não deixando de apoiá-lo em qualquer que seja sua decisão sobre a mulher.

Quando chego, Daiane está na minha cozinha, tentando fazer o menino se acalmar. Ele chora estridentemente, aos berros.

— O que está acontecendo? — pergunto, jogando as chaves do

Wrangler sobre a mesa.

— Eu acho que ele está precisando de um banho — diz, cheirando o corpinho do garoto.

— Por que ainda não deu um banho nele?

— Porque não tenho uma banheira aqui, ou algo que pudesse colocá-lo. Já limpei com fralda úmida e água morna, mas não é a mesma coisa. Estava esperando você chegar.

A última parte me pega de surpresa.

— Para quê?

— Para dar banho nele. No chuveiro.

Meu coração dá um salto enorme no peito. Não compreendo exatamente o que quer dizer com isso, mas, de qualquer maneira, um frio sobe pela minha espinha.

— Como?

Daiane o ajeita no bebê-conforto e começa a tirar a roupa dele, que se esgoela e bate mãos e pernas.

— É só segurá-lo debaixo do chuveiro, Kenny. Não tem segredo nenhum. — Ela ergue o olhar para mim. Estou assustado demais com sua sugestão para reagir. Jesus amado, ela quer que eu segure *um bebê de dois meses* debaixo de um chuveiro? E se esse pestinha escorregar dos meus braços e se machucar? — Olha, eu mesma teria feito isso, mas não tenho liberdade na sua casa e, além do mais, não tenho roupa limpa aqui. Você tem. Então, por favor, vá abrir o chuveiro e deixar a água amornar que já levo ele lá.

— Daiane... — Tento protestar.

— Eu vou te ajudar — garante, pegando o menino de volta, agora peladinho.

— VOCÊ VAI O QUÊ? — esganiço, quase sem nem perceber.

— Te ajudar — reafirma. — Vou te ajudar a segurá-lo debaixo do chuveiro e a dar banho nele. Vá, fique só de cueca e deixa a água aquecer.

Arregalo os olhos, não só com sua ideia absurda, mas com a

naturalidade que me fala para ficar seminu na frente dela. Por conta disso, fico estacado no lugar, sem mover um músculo, até que, um segundo depois, consigo dizer:

— Não vou ficar só de cueca na sua frente!

Ela revira os olhos.

— Ai, Kenny. Por acaso você tem alguma coisa entre o vão das pernas que não um pênis?

— Não! — respondo, um pouco indignado com sua pergunta.

— Está vendo? Não tem aí nada que eu não tenha conhecimento. Vai fazer o que te pedi. O Davi está desesperado querendo um banho! — protesta, balançando o menino que não para de chorar.

Cheio de raiva, cedo e caminho para o banheiro. Arranco toda a roupa, deixando apenas a peça íntima escondendo meu sexo, e abro o chuveiro. A água escorre e esquentada. Não demora muito para Daiane aparecer com o menino e me entregá-lo.

— Segure-o com cuidado. Assim. Isso. Assim — diz, ajeitando-o nos meus braços.

Pego-o com toda cautela do mundo, sentindo meu interior estremecer tanto de medo de machucá-lo que nem me importo muito com ela no meu banheiro me vendo seminu. Consigo segurá-lo como ela me instrui, de pé, estabilizando a coluna, seu rostinho contra meu ombro. Daiane confere a temperatura da água antes de me instruir a entrar no box. Davi se acalma quase instantaneamente e fica quietinho nos meus braços.

— Esfregue as costinhas dele, Kenny — instrui.

Meio hesitante, eu faço. Minha mão parece grande demais contra sua coluna e procuro uma delicadeza que não tenho enquanto esfrego sua pele macia.

— Aqui — ela diz. Viro-me na sua direção e vejo que me entrega um sabonete próprio para bebês que estava na sua lista de compra. — Ensaboe *ele*.

Pego o sabonete e deslizo pela sua pele. Quando faço isso, Davi solta um resmunguinho, como... uma risadinha, feliz com o ato. Isso me

desestabiliza um pouco e, ao mesmo tempo, arranca um sorriso de mim.

— Lave o bumbum dele. — A voz de Daiane me traz de volta. Faço o que ela manda. — Atrás da orelha e nas dobrinhas do pescoço, Kenny. As partes íntimas também.

Faço tudo o que manda, não querendo admitir que esse momento com Davi é...

... especial?

Engulo em seco e, em um ato primitivo e instintivo, eu o abraço. Daiane segue me dizendo o que fazer. Lavo os cabelinhos cor de areia dele com um pouco do *shampoo* especial para bebês; espalho na sua cabecinha e esfrego com cuidado. Por todo tempo, Davi fica quieto, apenas aproveitando a água quente.

Diabinho esperto.

— Já está bom, Kenny. Podemos tirá-lo. Onde tem uma toalha? — Daiane pergunta.

— No armário, parte de baixo.

Ela pega uma toalha branca e a abre, pedindo o menino. Olho-a por um longo instante, relutando em entregá-lo. Não vou mentir e dizer que esse banho não me agradou. É com muita dificuldade que assumo que estou gostando desse momento com Davi.

— Me deixa mais cinco minutos aqui com ele — peço. A mulher me fita, assustada, mas ignoro o ponto de interrogação nos seus olhos. — Por favor.

Daiane suspira e acena, afastando-se alguns passos. Ela diz que vai aproveitar para escolher uma roupinha para ele e aquecer uma mamadeira. Fecho os olhos e aperto Davi contra meu peito, tentando não deixar que ele me afete, de alguma maneira.



Por fim, entrego o bebê para Daiane. Ela o enrola na toalha e volta

para o quarto, para trocá-lo. Fico aqui mais um instante antes de arrancar a cueca molhada e circundar uma toalha no quadril. Estendo alguns minutos a mais no banheiro, tentando afastar qualquer sentimento bobo por esse menino que mal conheço e que não tem ligação nenhuma comigo. No quarto, vejo a pediatra inclinada sobre a cama, conversando com ele enquanto o troca. Paro no umbral da porta e a observo — outra vez — por um minuto que parece longo demais e que mexe comigo de uma forma que nunca permiti desde Helena. Meus olhos correm pelo seu corpo enxuto acomodado dentro de um *jeans* simples, camisa cambraia e o casaco longo. Os cabelos castanho-acobreados soltos, que ela coloca vez ou outra atrás da orelha, emolduram seu rosto. Adentro mais o quarto, seus olhos vindo aos meus. Ela os desce discretamente para meu torso despido e o desejo nas suas íris verdes é como... se tivesse me vendo assim pela primeira vez, como se só agora realmente reparasse em mim.

Ignoro-a e sigo até minha cômoda, e ela torna a terminar de vestir o pequenino. Puxo uma gaveta e pego uma camisa branca. Sobre o tampo, vejo os produtos que Alex comprou e que Daiane provavelmente arrumou aqui. Fralda, pomada contra assadura, lenços umedecidos, algodão. Ouço os risinhos dele e passo a camisa pela cabeça. De costas para Daiane, arranco a toalha e seguro uma risada maior quando a ouço engasgar. Subo uma cueca preta pelas pernas e visto uma calça de moletom.

Quando me viro de novo, a pediatra está sentada na cama, com ele nos seus braços, segurando a mamadeira. Davi suga o bico, enchendo a barriguinha, e segura o indicador dela. Não sei por que essa imagem continua mexendo comigo.

— Você vai ficar, não é? — pergunto, encostando-me à cômoda atrás de mim.

Ela acena em positivo.

— Sim. Vou colocá-lo para dormir e então vou em casa tomar um banho e buscar algumas... — Daiane para de falar imediatamente, erguendo os olhos na minha direção. — Ah, não — reclama.

Levanto uma sobrancelha.

— O que foi?

— Acabei de me lembrar que minha chave de casa ficou no

consultório da fazenda. Está tarde para ir buscar. Já está tudo fechado e o responsável pelas chaves mora na cidade.

— Pode tomar um banho aqui, Daiane — ofereço, de bom-grado.

— Como, se não tenho uma peça de roupa?

Dou de ombros e giro nos calcanhares, abrindo mais duas gavetas, de onde tiro uma camisa de botões e uma calça moletom de cordinha. Dobradas, coloco-as delicadamente na cama, perto da pediatra.

— Pode usar para dormir. Amanhã cedo você busca as chaves e vai para sua casa vestir algo melhor.

Ela olha de mim para as roupas dobradas sobre a cama. Tenho a impressão de ver um sorrisinho nascer no seu rosto bonito. Daiane acena, aceitando a oferta, e acomoda Davi na minha cama, cobrindo-o. Anuncio que vou pedir uma pizza, porque não sou doido de me arriscar a cozinhar para ela, enquanto vai tomar seu banho. A pediatra apaga as luzes assim que saio, deixando o bebê confortável no escuro, e leva o par de roupa consigo para o banheiro.

Sentado à mesa, deslizo meu celular pelo tampo quando encerro minha ligação para a pizzeria na cidade, que informa que o pedido vai demorar um pouco mais para chegar por causa da distância. A taxa de entrega é quase uma facada no estômago, mas é isso ou morrer de fome. Minutos depois, ouço um pigarreio atrás de mim e me viro para vê-la dentro da minha calça e camisa, os dois largos demais no seu corpo compacto, os cabelos úmidos ligeiramente desgrehados. Engulo em seco, um pouco... desorientado com a visão.

— Davizinho vai dormir a noite toda agora. Ou assim espero — sussurra, parada no seu lugar, no portal que separa a cozinha da sala.

Abro um sorriso pequeno e me levanto, gostando, por algum motivo, do apelido carinhoso.

— Obrigado por aceitar ficar e me ajudar com ele — agradeço, com um tom ameno que não é muito de mim. — A pizza já vai chegar — informo. — Enquanto isso, vou preparar um lugar para você dormir.

Retiro-me, indo até meu quarto. Acendo as luzes e o vejo ali, dormindo feito um anjinho, os dois bracinhos para cima, a respiração calma e

ritmada, a boquinha sugando o bico da chupeta calmamente. Aproximo-me dele a passos vagarosos, com um misto de medo, ansiedade, talvez um pouco de afobação. Agacho-me na sua altura e o observo por alguns segundos. Até demoro a notar que estico o indicador dobrado na sua direção e acaricio seu rostinho. Parece um choque quando me dou conta do que estou fazendo. Afasto-me dele, e pego coberta e travesseiro para Daiane. Volto à sala e acomodo tudo no sofá. Daqui, vejo-a terminando de ajeitar a mesa. Paro por um instante e espio seu pequeno zelo. Daiane esticou uma toalha — deve ter encontrado no armário — na mesa, colocou copos, pratos e talheres, dobrou guardanapos de papel. Tudo muito... delicado. Feito com carinho. Isso me lembra dos meus dias com Helena. Minha mulher também gostava de arrumar a mesa para nossas refeições. Desde sua morte, simplesmente não me importo com nada disto. A atitude de Daiane, contudo, aquece meu coração de uma forma boa.

Ela nota minha presença e sorri, olhando de mim para a mesa e então de volta para mim.

— Arrumei o sofá para você.

O sorriso nela vai sumindo aos poucos.

— Você... vai dormir na cama com o Davi, então?

Um sorriso convencido e debochado nasce em mim. É claro que não quero passar a noite com o pivetinho, além disso... acho que tenho medo de esmagar o coitadinho. Talvez eu nem durma direito por causa disso, preocupado em machucá-lo. Mas eu não perderia a chance de me vingar dessa diaba de jaleco por ter me dado um sofá desconfortável para dormir quando tinha um segundo quarto na sua casa.

— Sim — respondo, por fim. — Mas não se preocupe, meu sofá é muito mais confortável do que o seu.

Ela cruza os braços e me encara com uma fúria comedida nos olhos verdes.

— Tudo isso então é só porque dormiu no meu sofá noite passada? Como você é pirracento, Kenny.

— Não. Tudo isso é porque me deixou dormir naquele sofá duro quando tinha um quarto de hóspedes — respondo, cruzando os braços.

Daiane revira os olhos e dá um passo na minha direção, decidida, furiosa.

— De onde tirou essa ideia absurda? Eu não tenho um quarto de hóspedes! — Ela pensa por um segundo, que tento aproveitar para dizer que vi a segunda porta, mas Daiane parece notar primeiro que é exatamente disso que estou falando e completa: — Seu idiota. Aquilo era a porta do meu escritório!

Abro e fecho a boca um par de vezes, sabendo que fiz um papel ridículo aqui. Cruzo os braços e suspiro, desviando os olhos. Escoro-me ao batente do portal, tentando manter minha pose mais despretensiosa.

— Tudo bem, posso reconsiderar o sofá e arrumar o quarto de hóspedes.

Vejo um sorriso convencido surgir nela. De repente, Daiane está aqui, perto de mim, e o aroma dos seus cabelos molhados outra vez mexe comigo. Engulo em seco, sentindo um nó diferente na garganta por causa dessa mulher, por causa dessa... proximidade. Sem que eu espere, o indicador dela está batendo contra meu tórax, em um gesto muito descontraído, como se realmente tivéssemos intimidade para isso.

— Viu só, não dói ser gentil.

Travo o maxilar e abaixo os olhos para seu toque. Daiane parou de bater o dedo na minha direção, mas ele continua ali, repousado contra a minha pele. A pediatra ficou estranhamente quieta, fixa na faixa de pele à mostra pela abertura da camisa. Algo dentro de mim se remexe. Já faz muito tempo desde que uma mulher me tocou, e a excitação que sobe pelo meu corpo agora é reflexo desse celibato no último quase um ano. Mas tinha que ser justamente por essa diaba de jaleco? Pego seu punho, na intenção de afastá-la de mim, mas por algum motivo não consigo. Aperto-a com força comedida, moendo com tanta força o meu maxilar — indignado que eu esteja realmente atraído por ela — que tenho a impressão de que meus dentes vão partir.

Rodeando seu punho, ao invés de afastá-la, eu a trago para mim. Seu tórax se choca contra o meu, e é como se uma faísca de tensão sexual chispasse entre nós com esse pequeno ato. Seus olhos verdes encontram os meus, e tem um pouco de tudo neles. Medo, hesitação, surpresa, excitação. E

tudo isso combina com o ritmo desregulado da sua respiração. Em um ímpeto incompreensível, inclino-me na direção de Daiane e a beijo.

Ela não reluta nem mesmo por um segundo, retribuindo no instante em que nossas bocas se chocam. É um beijo firme e desesperado. Agarro sua nuca, arrastando-a mais para mim, e forço mais seus lábios, exigindo mais espaço. Daiane cede, facilmente, derretendo-se nos meus braços. Amparo-a, contornando sua cintura com o braço livre, e nos giro, trocando nossas posições. Coloco-a contra o umbral, esmagando seu corpo com o meu, e deslizo minha mão por todo seu corpo, subindo-a por dentro da minha camisa que ela veste.

Afasto-me da sua boca, ofegante, e encaro suas pupilas dilatadas, a ponta dos meus dedos a um centímetro dos seios soltos sob o tecido. Seu pescoço esguio, branco e delicado me chama, e é questão de fração de segundos até que minha língua esteja ali, com a mesma firmeza e desespero de quando estive na sua boca. Mordisco o lóbulo da sua orelha enquanto meus dedos, ávidos, começam a abrir os botões da camisa. Meus lábios se deslocam pelo seu ombro direito e descem para o colo, parando bem pertinho dos seios acesos. Distancio-me apenas o suficiente para brincar com os mamilos duros por um instante. Ela geme e se contorce sob meu toque, afetando-me de um jeito... que não sei expressar em palavras.

Daiane me fita com determinação quando afrouxa a cordinha da calça de moletom, que cai aos seus pés. Prendo a respiração quase sem perceber, o espaço na minha cueca tornando-se apertado demais. As mãos dela apoiam-se na minha cintura por um instante antes de baixar o moletom, junto com a peça íntima.

Não aguento ficar longe demais dela, ainda mais quando a vejo morder o lábio inferior de um jeito safado demais. Puxo-a na minha direção e, com um impulso, coloco-a no meu colo, suas pernas rodeando-me no mesmo instante. Escondo-me contra a curva do seu pescoço quando a penetro devagar, sentindo o calor dela, sua umidade, seus músculos se contraindo ao meu redor, os gemidos baixos dela contra meu ouvido. Até demoro a me dar conta da minha completa falta de responsabilidade em transar sem nenhuma proteção.

Ela finca suas unhas nas minhas costas e sussurra no meu ouvido, pedindo mais forte e mais rápido. É a porra da minha perdição. Quase sem

perceber, estou estocando na velocidade e na intensidade que ela pediu. Já faz algum tempo desde que estive dentro de uma mulher, e gozar com auxílio da mão direita não é a mesma coisa, por isso não leva muito tempo para que eu anuncie meu orgasmo.

Daiane vem junto comigo.



Desencosto-a do batente e me afasto, um pouco de constrangimento me acometendo. Subo minha calça, ela faz o mesmo com a dela, colocando uma mecha do cabelo acobreado atrás da orelha.

— Eu... — começa, um pouco desajeitada. — Se importa se eu tomar outro banho? — pergunta.

Movo a cabeça em negativo. Daiane some do meu campo de visão, e vou para meu escritório, ainda sentindo o calor dela ao meu redor, seus fluidos impregnados em mim, tentando ignorar o modo como me sinto em relação a ela. Fico aqui pelos próximos minutos, fingindo trabalhar, e já deixo separado o dinheiro do *motoboy*. Um bater na porta me desconcentra de uma foto minha ao lado de Helena sobre a mesa, em que fixei os olhos sem quase ter percebido. Daiane pergunta se pode entrar, e aceno. Pigarreio e pego um caderninho de anotações apenas como modo de ter o nque fazer para não precisar encarar seus olhos verdes.

— Você não quer ir tomar outro banho? — indaga, parada na minha frente, ainda em pé. — Deveria ir, antes que a pizza chegue.

— Sim, tem razão — concordo, agradecendo por ela não estar constrangida. Ou está e sabe disfarçar muito bem.

Deixo meu escritório, sem me importar que ela fique aqui, e vou

atender sua sugestão. Demoro um pouco mais do que o comum, passando muito tempo cabisbaixo sob a água, pensando naquela diaba de jaleco, no sexo rápido e incrivelmente bom de minutos atrás. Visto a mesma roupa e volto para a cozinha. Daiane não está aqui. Vou até o escritório e a encontro. A mulher está sentada atrás da mesa, com meu caderninho nas mãos, folheando-o com um crisar na testa.

— O que está xeretando aí? — pergunto, um pouco mais rude agora, descontente com sua intromissão.

— Por que meu nome está nesse caderno, em vermelho? Pela legenda, são os que te devem.

Reviro os olhos.

— Porque você me deve.

Ela balança a cabeça em negativo, em um tom inconformado.

— Não te devo coisa alguma. Tudo que comprei com você, eu paguei.

Moo o maxilar, começando a perder a paciência com essa insistência dela.

— Talvez seja necessário te refrescar a memória, Daiane. Você pagou pelas laranjas, os limões, alguns litros de leite e cachos de banana. Mas nas últimas férias, o seu sobrinho veio aqui buscar ovos caipiras, doces de leite no pote e queijos.

Daiane pisca diversas vezes e se levanta, saindo de trás da mesa. Vem na minha direção, indignada, e diz:

— Pelo amor de Deus, Kenny, eu nem sobrinho tenho!

Dou uma risada cáustica, impressionado com como é dissimulada.

— Agora vai negar que tem um sobrinho que veio aqui buscar essas coisas no seu nome?

Ela abre a boca para dizer alguma coisa, mas, então, inesperadamente, explode em uma gargalhada, cheia de humor, como se tivesse acabado de ouvir uma piada muito engraçada. Cruzo os braços e fecho a cara, procurando a maldita graça no que disse.

— Você foi tapeado por uma criança, Kenny — diz, ainda aos risos.
— Eu não tenho sobrinhos e não pedi para ninguém vir comprar alguma coisa

de você. — Daiane volta a rir, descontroladamente. — Um garoto de o quê...? Uns doze anos? Te passou a perna!

Aos poucos, vou me dando conta de que ela pode estar certa. Afinal, Daiane nunca realmente ficou me devendo qualquer coisa. Sempre que comprava algo comigo, pagava à vista. Nunca no fiado. Quando aquele moleque apareceu dizendo que a pediatra queria algumas coisas para pagar mais tarde, vendi confiando que me pagaria.

Ela está rindo demais. Por um segundo, continuo com a cara fechada, mal-humorado, principalmente por ter sido feito de idiota por um pivetinho desgraçado. Mas a alegria com que ri, o som contagiante da sua risada... vai me desarmando pouco a pouco e, quando noto, estou rindo junto.

Rio como há muito tempo não ria.

E, porra, é libertador.



A pizza chega logo depois disso. Encontro uma garrafa de vinho perdida na minha cozinha e nos sirvo, enquanto Daiane serve as fatias nos pratos. Sentamos um de frente para o outro, sem nada de constrangedor nem ressentimentos entre nós. A confusão sobre meses atrás foi esclarecida, mas não me desculpei. Deveria ter me desculpado, eu sei. Só que isso significaria alimentar o ego dela, e não estou disposto a lhe dar esse gostinho.

Comemos enquanto ela me conta um pouco do seu trabalho. É nessa conversa que descubro que está fazendo um trabalho voluntário uma vez na semana na unidade de saúde daqui a região, por isso que a vi ontem por lá.

É uma atitude muito honrada, preciso admitir.

— Amanhã, pode levar o Davi no meu consultório na cidade? Estarei lá depois do almoço e quero providenciar uns exames e pesá-lo, saber se está saudável.

A sugestão me deixa desgostoso. Odeio desentocar. Mas ela tem razão. Se o menino vai ficar conosco pelos próximos dias, é bom que

saibamos se está tudo bem com ele. Por isso, facilmente cedo.

— Tudo bem.

Ela me instrui a ir à casa do menino e pegar os documentos dele, como certidão de nascimento e carteira de vacina. Aceno, pensando que ele vai precisar de outra coisa também. Um berço. Vi que tem um na sua casa, mas pelo que me lembro, está bastante judiado. Talvez... *talvez*... eu compre um novo, ou eu mesmo monte um. Só sei que não pretendo dividir minha cama com o pivetinho pelos próximos quinze dias.

Daiane faz menção de se levantar quando ouvimos o chorinho do bebê, mas eu não deixo. Ela já está fazendo demais me ajudando. Caminho até o quarto e acendo a luz.

— Por que esse escândalo, diabinho? — pergunto, aproximando-me dele. Agacho-me na sua altura e noto que a chupeta escapou da sua boca.

Coloco-a de volta e ele vai se acalmando. Um sorriso desponta em mim e outra vez, quase sem perceber, estou acariciando seu rostinho. Mais do que isso. Com cuidado, pego-o no colo e me sento na cama, encaixando seu corpo pequenino no meu braço forte. Olho para Davi por longos instantes, deixando que essa sensação de acalento, essa sensação boa no coração, vá tomando conta de mim. Uma sensação que não sentia há muito tempo.

Começo a niná-lo, bem devagar, cantarolando uma canção que meu pai costumava cantar para mim. Sem saber exatamente por quê. O ranger da porta principal me faz erguer os olhos e dar de cara com Daiane. Ela entra devagar, com um sorriso gostoso, e para a dois metros de mim.

— Era só a chupeta — explico, sem tirá-lo dos meus braços.

É estranho não conseguir me afastar.

Sinto o colchão afundar um pouco e, um segundo depois, ela está aqui do meu lado. Encaro-a por um instante rápido. Os olhos verdes sob a luz fraca do ambiente mexem comigo daquela forma estranha e diferente.

— Para quem odeia crianças... — murmura, em um tom brincalhão.

Sorrio um pouquinho e volto a observar Davi, enroladinho no meu braço. Levanto-me e o devolvo no centro da cama, cobrindo seu corpinho pequeno.

— Você pode ficar aqui com ele — digo, virando-me para Daiane. — Morro de medo de dividir a cama e esmagar o pobre diabinho. Eu vou para o quarto de hóspedes.

— Está bem — concorda, sem resistência alguma.

Uma troca de olhar meio... tensa acontece entre nós por um ou dois segundos. Ela parece ter alguma coisa para dizer, e eu também tenho alguma hesitação em ir. Mas, por fim, forço minhas pernas, desejo boa-noite e deixo o quarto.



— Acha mesmo que consegue? — Daiane pergunta, parada na porta da cozinha, vestida com suas roupas de ontem.

Mal são seis da manhã e já estamos em pé. Ela tem que trocar de roupa para começar o turno na fazenda, mas antes precisa buscar as chaves da casa que esqueceu por lá. E eu... bem, não tenho nada para fazer a não ser ficar com Davi.

Ficar com Davi!

Um arrepio diferente sobe pela minha espinha ao imaginar que vou ter de passar praticamente o dia todo com ele antes de ir à cidade levá-lo para a consulta que ela quer realizar no pequeno. Aceitei essa doideira porque, afinal, não me havia muitas opções. Daiane me deu outras instruções e achei que realmente ia ser fácil, mas agora, perto de ela ir embora, pergunto-me se sou mesmo capaz.

— Ora, claro que consigo, Daiane. Não sou nenhum incapaz — resmungo, mais por eu mesmo ter duvidado da minha capacidade do que ela.

A mulher suspira e revira os olhos, resmungando alguma coisa sobre “*é mesmo um ogro sem sentimentos*”, e se aproxima outra vez do menino, no seu bebê-conforto sobre a mesa como de costume. Ela conversa com o menino e deixa um beijinho no rosto dele antes de partir, sem nem mesmo olhar ou se despedir de mim.

Maldita diaba de jaleco!

Pego o cadeirão e o levo até o escritório. Davi está amamentado e trocado — coisas que a pediatra fez antes de sair —, por isso fica quietinho pelas próximas horas. Ele dorme e conversa sozinho (aquele som típico de bebês) durante algum tempo, e aproveito cada segundo para colocar meu trabalho em dia.

Estou no meio de um cálculo importante quando o diabinho começa a chorar. Massageio as têmporas, irritado porque vou ter que parar com meu trabalho. Saio de trás da mesa e vou até ele. Mal me aproximo e já sinto o cheirinho forte. Franzo o cenho, meio enojado. Puta que pariu, Daiane não me instruiu a como trocar o pirralho todo cagado.

Tudo bem, sem motivos para me estressar ou surtar. Vou levá-lo para o quarto, tirar a fralda suja, descartá-la, limpá-lo e vestir uma nova. Sem segredo. Assim que minhas mãos contornam sua cinturinha fina, meus dedos afundam em uma coisa quente e escorregadia. Um resmungo alto e forte, cheio de raiva, escapa de mim quando noto que o cocô vazou na roupa dele.

Inferno. Mil vezes inferno.

Como se eu tivesse contado uma piada, Davi ri e chora ao mesmo tempo. *Ah, seu diabinho!* Ele olha para mim, a boquinha sem dentes, olhinhos lacrimejados, e as gargalhadas em meio aos resmungos. Pego-o, mas o mantenho longe do meu corpo, e o levo até meu quarto. Empurro a porta com os pés, porque minhas duas mãos estão ocupadas, e só então me dou conta que vou sujar toda a cama se colocá-lo nela nessa situação. Giro meu corpo, a ânsia pelo cheiro subindo na minha garganta, e procuro alguma coisa que possa colocar sobre a colcha antes de deitá-lo.

— Para um serzinho que só toma leite, você caga muito fedido, Davi — resmungo, conseguindo puxar com os dentes uma toalha de banho estendida na minha janela. Enrolo-a no corpo do pivetinho e o deito na cama.

Começo a despi-lo, meio desajeitado, e pego sua calça com a ponta dos dedos. Tem uma grande mancha marrom na parte da bunda. Coloco-a dentro de uma sacola plástica que encontro e torno para ele. Davi está quieto, talvez percebendo que vou tirar seu desconforto, e me olha todo inocente, as mãozinhas na boca que sorri cada vez que me encara. Tirar a fralda é como abrir a Caixa de Pandora. É um caos e tem bosta para todo lado. Na bunda,

nas costas, nas pernas, está até quase chegando na nuca do moleque!

Avalio a situação, ponderando que só limpá-lo com lencinhos umedecidos não vai adiantar. Esse menino precisa é de outro banho. Engulo em seco, hesitante nessa decisão. Leva uns dez segundos até que decido. Tiro a roupa e corro até o banheiro, ligando o chuveiro. Testo a água e separo duas toalhas limpas. Termino de despir o diabinho e o levo para o banho. Entro no box com cuidado, pouco ligando para o fato de que toda a merda dele está no meu tórax, e o aperto mais firmemente contra mim. Davi fica quietinho enquanto o limpo, os bracinhos encolhidos, seu queixinho no meu ombro. Lembro-me de ontem à noite e repito alguns movimentos, lavando-o com o sabonete especial para bebês que ainda está aqui. Também lavo seus cabelinhos cor de areia, massageando bem suavemente sua cabeça, o mais cuidadoso que um cara como eu consegue ser.

Nesse momento, outra vez, sinto aquela conexão sendo criada entre nós. Uma conexão que não deveria existir, mas que começa a surgir aos poucos. Deus, não posso me apegar ao Davi. Permita que eu não me apegue a ele. Permita que não derrube minhas barreiras, que me conquiste... Porque uma hora ele vai embora.

E não sei se aguento perder outra pessoa importante para mim.



Davi ri gostoso enquanto bate as perninhas, pelado sobre minha cama, o sol entrando pela janela e o aquecendo.

— Isso, ria de mim, diabinho esperto — falo, tentando encontrar o lado certo da fralda, já completamente vestido. Confesso que não dei muita atenção a essa parte da instrução de Daiane. — Dane-se — digo, dando de ombros, escolhendo um lado qualquer. Estou para pôr nele quando a voz daquela mulher vem na minha cabeça com um “*não esqueça da pomada*”.

Afasto-me um pouco e pego a maldita pomada. Espalho na área íntima dele, que agora parou de gargalhar e apenas me olha, soltando seus murmuros de bebê como se... estivesse chamando minha atenção. Limpo os dedos na toalha e tento ajeitá-lo debaixo da fralda.

Estou prendendo a fita quando o sinto agarrar no meu indicador. Com toda força. Olho por um instante para sua mãozinha em torno do meu dedo e ergo os olhos para ele. Davi está me estudando com toda atenção do mundo, quietinho, curioso. Ignoro o bater errático que meu coração dá e continuo o trocando. Pego-o no colo quando termino e vou até a cozinha. Preciso de algum malabarismo para conseguir preparar o leite dele e segurá-lo, uma vez que o cadeirão está cheio de merda. Droga, ainda tem mais isso. Como diabos vou levá-lo para o consultório? Preciso resolver isso depois.

Sento-me no sofá quando o leite está pronto, acomodo-o no meu braço e coloco o bico na sua boca. Davi leva as duas mãozinhas na mamadeira, por cima das minhas, e suga sem tirar os olhos de mim. Da mesma maneira, não consigo tirar os olhos dele, perguntando-me o que vai ser desse menino se a desnaturada da Liliana não se arrepender e não voltar. Sinto uma pontada esquisita no coração quando penso na possibilidade de entregá-lo para o Conselho Tutelar dentro de uns dias.

Afasto os pensamentos na cabeça e me atento ao momento, ao pequeno Davi no meu colo, mamando e começando a se render ao sono, agarrado no meu indicador outra vez, apertando com uma força que parece demais para um bebê tão pequenino e frágil como ele, e em como estou me conectando com essa criança de uma forma repentina que não deveria estar acontecendo.



— Você está parecendo um verdadeiro pai — Daiane debocha quando apareço na porta do seu consultório na cidade.

Seguro minha língua para não soltar uma grosseria. Ela se aproxima para pegar Davi, deitado no cadeirão que seguro na mão direita e que consegui limpar e pôr para secar antes de virmos para cá. Odeio concordar, mas estou mesmo parecendo um pai com essa maldita mochila azul transversal — que encontrei na sua casa quando passei lá para pegar os documentos dele — no meu corpo grande e carregando esse moleque cagão para cima e para baixo com fralda e mamadeira para todo lado.

— Trouxe todos os documentos dele? — pergunta, liderando o caminho para dentro da sua sala.

Adentro o local, atento ao meu redor. É uma sala bem simples e bem arejada. Fica no quinto andar de um prédio comercial. É ampla, com uma janela basculante que dá para a movimentada avenida lá embaixo. O ambiente é todo decorado com temas infantis. Tem adesivos de dinossauros no teto acima da maca, uma girafa na parede sul que serve para medir os pivetinhos e uma balança pediátrica em uma mesa separada da que ela atende os pequenos diabinhos... digo, pacientes. Também tem um armário de metal logo atrás da sua cadeira, notebook, impressora, diploma e certificados emoldurados aos montes na sua parede.

— Sim, está na bolsa — respondo, jogando-a na cadeira.

Daiane já deitou o moleque na maca e está tirando a roupinha dele para iniciar os exames. Enquanto examina o menino, tiro os documentos que trouxe e coloco sobre sua mesa. A pediatra confere seu peso, medidas, analisa seus olhos, os ouvidos e dá batidinhas na barriga que fazem o menino sorrir para ela.

Não leva muito tempo para ela terminar de examiná-lo e o menino estar nos meus braços outra vez, eu sentado atrás da mesa, Daiane de frente para mim, montando um prontuário para o garoto, como se eu realmente fosse o pai desse pirralho e estivesse em uma consulta de rotina.

Meu Deus do céu, onde foi que me meti?

— Ele está com uma vacina atrasada, mas já vou providenciar que ele tome — diz, olhando para a carteira de vacina do rapazinho.

Sem que eu espere, me vejo perguntando:

— Todo o resto, está tudo bem?

A mulher ergue o olhar na minha direção, como se não acreditando no meu súbito interesse no garoto. Dou de ombros, fingindo que isso também não me surpreende. Eu não sou de todo ruim, convenhamos. Não sou o melhor homem com crianças, nem o mais paciente, mas também não sou esse monstro sem sentimentos.

— Davi está perfeitamente saudável.

Aceno em positivo, vendo-o deitadinho em mim, olhando-me como se

isso fosse a coisa mais interessante do mundo todo, observando-me com seus olhos amendoados e curiosos. Isso está começando a me incomodar. *Diacho*, o que tem de tão interessante em mim que esse pimentinha não consegue olhar para outra coisa?

— Ótimo — murmuro, sem desfazer o contato visual com ele. — Quero entregá-lo com saúde para quando Liliana voltar.

Um segundo de silêncio paira sobre a sala.

— E se ela não voltar, Kenny?

Fecho os olhos, atingido pela pergunta e pela resposta que vem com ela: entregá-lo às autoridades competentes.

— Vou fazer o que tem que ser feito — respondo, virando-me na sua direção, por fim. Nem noto a leve hesitação que acompanha minhas palavras.

É o correto a se fazer, mas a pergunta que fica é: *eu quero* fazer isso?

E outra pergunta é: *por que diabos* eu não ia querer? Por que raios não quero abrir mão desse menino quando só tem dois dias que ele está comigo, pelo amor de Deus? Estou doente. É a única explicação. Não pode ser que em apenas dois dias esse moleque chorão e cagão esteja me conquistando a ponto de decidir ficar com ele, como Liliana pediu.

Devo ter batido a cabeça noite passada. Será que estou com febre? Talvez até seja alguma demência.

— Claro. — É tudo o que diz com um sussurro.

Ela termina o prontuário do menino, faz mais algumas anotações e vamos nós três até o centro de saúde para aplicar a vacina atrasada. Dói meu coração mais do que me deixa irritado quando Davi se esgoela por causa da picada da agulha. Mas olha só, um homem de trinta e sete anos que odeia crianças não aguentando ver uma ser vacinada. *Belo bundão você é, Kenny. Belo bundão você é.*

A pediatra fica com ele pela próxima meia hora enquanto vou até uma loja de bebês e compro um berço novo. O dele realmente não tem condições alguma. Coloco o móvel na carroceria da picape e volto para o consultório buscar o pimentinha. Daiane me instrui a ficar de olho se ele vai ter reação à vacina, receita remédio para baixar febre e aliviar a dor caso surjam sintomas e aconselha fazer compressa com água fria na região da coxa para ajudar.

Amarro Davi no cadeirão, ajusto-o no banco de trás e volto para a fazenda, com a promessa de que ela deve chegar umas sete da noite para me ajudar com o menino.

Odeio admitir que espero cada segundo para que Daiane apareça. Não porque preciso desesperadamente da ajuda dela. É só porque...

Merda.

Simples e puramente porque quero a presença dela.

Mas que inferno!



Acho que nunca fiquei tão nervoso e atento na minha vida inteira. Quero saber quem foi o idiota que inventou vacina para bebês com reação para eu ir lá e dar um socão no desgraçado, porque — meu Deus! — não sei como ainda não enlouqueci com esses choros e berros de Davi, que cada vez que mexe a perna chora mais e mais alto.

Fiz tudo que Daiane me aconselhou: administrei Tylenol para dor e febre, fiz compressa para aliviar o desconforto do rapazinho, mas ele ainda chora muito, inclusive quando dorme. Aquelas resmungadas e suspiros profundos que partem meu coração em dois. Nem consegui comer porque ou estive ocupado demais tentando acalmá-lo, ou quando ele finalmente dormiu — mesmo chorãozinho — fiquei o tempo todo de vigia, preocupado, nervoso, atento. Mas aproveitei os poucos minutos que ele conseguiu cochilar e montei o berço no quarto, deixando-o ao lado da minha cama.

Agora ele acordou, e não sei se chora de dor ou de fome. Talvez dos dois, porque Davi suga o leite enquanto lágrimas escorrem dos seus olhinhos. Chegou a ignorar o leite algumas vezes.

— Ele está com dor? — Daiane pergunta, chegando do consultório.

Abano em positivo, saindo do lado dele. Davi está deitado na minha cama, eu do seu lado, segurando a mamadeira.

— Isso que vocês fazem é crueldade, sabia? — digo, entregando o objeto para ela, que se prontifica imediatamente a assumir meu lugar.

Estralo as costas e giro o pescoço.

— É proteção, Kenny — responde, emitindo um “*shhhh*” logo em seguida, amaciando os cabelinhos claros dele.

— Não podiam desenvolver algo indolor e sem reação? — resmungo.

Não a espero responder e vou até a cozinha. Preciso comer. *Precisamos comer*. Decido preparar o jantar, torcendo para que Daiane consiga engolir a minha comida. Olha, não sou um desastre total na cozinha, mas também não sou nenhum *chef*. Estou em alguma categoria de “*dá para engolir e matar a fome*”. Cozinho o feijão, o arroz e grelho alguns filés de frango. Lavo umas folhas de alface e pico uns tomates. Por algum motivo, pela primeira vez em anos, quero arrumar a mesa para jantar — como a diaba de jaleco fez noite passada — e assim faço. Ainda tem vinho de ontem, para nossa sorte.

Estou refogando o feijão quando ela aparece, elogiando o cheiro da comida e dizendo que Davi está melhor.

— Que macumba você fez? — pergunto, desligando o fogo.

Ela dá uma risadinha e se senta à mesa.

— Nada. Acho que o Tylenol e a compressa começaram a fazer efeito. Ele está dormindo agora, mas não se anime. Não vai ser uma noite fácil.

— Obrigado pela motivação — digo, esticando um prato na sua direção. — Jante, tome um banho e vá descansar. Trouxe roupa hoje, não trouxe?

Daiane me olha por longos segundos até por fim acenar em positivo. Ela pega o prato e começa a se servir. Faço o mesmo. Comemos por alguns minutos, em silêncio.

— Quer falar sobre ontem? — a pediatra pergunta, cortando o filé.

Do outro lado da mesa, de frente para ela, ergo os olhos na sua direção.

— Temos algo para falarmos?

— Bem... — diz, com um ar despretensioso, ficando o garfo no pedaço de frango que cortou — você gozou dentro de mim sem camisinha.

A informação me acerta como um grande tapa na cara. Acho que nunca fui tão irresponsável na vida. Tudo que consigo fazer nesse instante é encará-la, enquanto Daiane me pergunta se meus exames estão em dia e depois afirmando que o dela estão e que não devo me preocupar.

— Sim, Daiane, meus exames estão em dia. Fiz um no ano passado, após uma relação desprotegida, e o resultado foi negativo. Depois disso, você é a primeira mulher com quem tive relação sexual.

— Nem mesmo sexo oral? Porque é transmissível também, se não for feito de forma segura. Sexo não é só penetração.

— Não sou idiota, Daiane, sei disso. E não, nem mesmo sexo oral. Não é como se eu saísse por aí chupando qualquer uma.

Ela fica vermelha, não sei se de vergonha ou de raiva pela minha grosseria habitual. A mulher está abrindo a boca para dizer alguma coisa, mas a interrompo:

— Estamos despreocupados com doença. E gravidez? — pergunto, um pouco nervoso. — Pelo amor de Jesus Cristo...

Daiane ri e abana a cabeça.

— Não se preocupa. Eu faço uso de métodos contraceptivos.

Suspiro, um pouco mais aliviado agora. Não temos mais com o que nos preocupar.

— Certo.

Ela sorri e termina de comer. No final, Daiane se prontifica a lavar a louça, e eu — inesperadamente — vou dar uma espiada no diabinho dorminhoco. Paro à porta e o observo de longe, seu rostinho meio marcado pelo desconforto na coxa. Quando me viro para ir arrumar o quarto de hóspedes e dormir, dou de cara com a pediatra. Meu coração dá uma balançada e não é pelo encontro repentino. É por causa do modo como essa mulher me olha agora.

— Somos adultos, Kenny. E adultos fazem sexo. — Encosto a porta, escorando-me contra a madeira. Cruzo os braços e espero que ela termine seu

raciocínio. — E o sexo de ontem... — Ela molha o lábio inferior, desvia os olhos e engole em seco. — Você é um ogro idiota, sem sentimentos e orgulhoso... Mas tinha mesmo que transar bem à beça?

Um sorriso pequeno vai nascendo no meu rosto, e quase não percebo que ela se aproxima de mim, tocando meu tórax, olhando-me de baixo para cima por conta da diferença de altura. Sua mão repousa sobre meu coração, que dispara quando noto a proximidade dessa mulher.

— Então você gostou — murmuro, fixo nos seus lábios pintados de rosa.

— Mais do que deveria admitir.

Nossos olhos se encontram.

— Confesso que... foi bom para mim também. *Muito* bom.

As mãos dela deslizam pelo meu peito, em direção a uma área perigosa. Minha respiração fica desregulada.

— Acho que foi um erro o que fizemos ontem — sussurra, sem coragem de me olhar. — E não quero cometer esse erro de novo. — Leva um ou dois segundos para que me encare. — Mas se você quiser, eu também quero.

Enlaço sua nuca, trazendo-a para mais perto de mim, quase fundindo seu corpo no meu, e paro minha boca a centímetros da sua. Consigo sentir sua respiração quente contra meu rosto, os lábios entreabertos que emitem um chiado de desejo lascivo.

— Só mais hoje — determino.

Ela assente.

— Só mais hoje — repete.

Daiane mal termina de falar e eu a puxo para mim, afundando meus lábios nos seus. É questão de segundos para estarmos na cama do quarto de hóspedes, ela por cima de mim, cavalgando como uma valquíria.



Paro no limiar do portal entre a sala e a cozinha, observando a imagem que se forma na minha frente. Daiane está aqui, terminando de passar o café, enquanto Davi está em um carrinho de bebê — algo que ela arrumou dia desses —, “conversando” com ela. Raios solares incidem através do vitrô sobre a pia na direção da pediatra, criando uma áurea bonita em torno dela. Fico em silêncio, apenas assistindo à interação médica-bebê, pensando em como estou terrivelmente familiarizado com essa imagem. Já tem dez dias que Liliana evaporou da face da Terra. Desde então, a médica tem me ajudado com o pequeno Davi e passado as noites aqui. Se o pirralhinho usa o berço que comprei? Dificilmente. Ele prefere dormir na mesma cama que a pediatra.

Diabinho esperto.

Ela também tem pousado aqui para me ajudar, porque ainda sou meio desajeitado para isso, embora esteja aprendendo.

As últimas sete noites foram muito tranquilas. Davi logo melhorou da reação da vacina, e, tirando a primeira noite, as demais foram de sono leve e profundo. Eu me habituei relativamente bem à nova rotina da última semana. Ainda vivo colocando a fralda do lado errado, erro na temperatura do leite — sempre para menos, e não para mais —, sou um desastre para limpar bosta, as roupas sujas dele estão empilhando na lavanderia, e o espertinho quer colo o dia todo, se deixar. Daiane também acabou por reajustar a própria rotina. Conseguiu diminuir a carga de trabalho na fazenda e fechou, por esses dias, o atendimento no consultório da cidade. Os atendimentos voluntários continuam, mas também os diminuiu para meio período.

Agora, enquanto a vejo terminar o café da manhã, penso na nossa rotina, que de fato parece a de um casal comum, e isso causa um efeito estranho no meu peito. Uma sensação de sufocamento, tristeza, injustiça e traição. Não parece certo nem justo com Helena essa minha “relação” com Daiane. Ela cuida do menino pelas primeiras horas da manhã, vai trabalhar, e eu fico com ele pelo restante do dia, até ela voltar, começar a preparar o jantar enquanto tomo banho com Davi nos meus braços. Então conversamos sobre nossos dias, passamos um tempo com um bebê; eu o faço dormir enquanto ela toma banho e depois...

... transamos.

O “*só hoje*” não ficou no “*só hoje*” e temos trepado regularmente desde a primeira vez. No dia seguinte, é como se nada tivesse acontecido, como se fosse um hábito comum, algo natural entre nós. Como se fôssemos mesmo a porra de um casal. Engulo em seco, tentando afastar o sentimento de culpa que me toma. Só tem pouco mais de uma semana que essa diaba de jaleco se tornou mais próxima de mim, e tudo o que temos feito é sexo sem compromisso, e ela já... já está sendo capaz de derrubar minhas defesas.

— Oi — ela diz, virando-se com a garrafa térmica na mão, terminando de rosquear a tampa. — Achei que ia precisar te chamar.

Forço um sorriso e me aproximo, sentando-me à mesa que ela arrumou. Tem algumas frutas frescas, leite, pão no cesto, geleia e queijo.

— Você já está indo para a fazenda? — pergunto.

Ela balança a cabeça em negativo.

— Estou de folga. — Daiane me dá uma xícara e se senta na minha frente, servindo-se com café e passando a garrafa em seguida para mim. — E ia te pedir um favor.

Coloco um pouco de café na minha xícara e ergo os olhos na sua direção.

— O quê?

— Preciso levar o Jeep no Theo para trocar a bateria. Eu fico com o Davi e você leva. Pode ser?

Engulo um pedaço de pão seco, que desce rasgando minha garganta, segurando minha vontade de ser um idiota ingrato. Ora, por que ela mesma não leva? Mas a maldita está me ajudando há dias com o garoto, e é minha hora de retribuir essa ajuda. Coloco um pouco de leite no café e bebo um gole para ajudar a descer outro pedaço de pão.

— Tudo bem — concordo.

Ela sorri — de um jeito muito misterioso, como de uma criança peralta — e diz que Theodoro já está sabendo que vou levar o Jeep lá. Às dez. Termino de comer e vou fazer esse favor. O veículo demora um pouco a pegar — provando que precisa mesmo de uma nova bateria —, e rumo até a oficina do meu primo, na cidade.

O homem está com alguns carros para trabalhar e dá atenção especialmente a um, verificando alguma coisa no motor, pedindo para o motorista acelerar. Ele não demora para notar minha presença. Pede um segundo ao cliente e vem até mim, com um sorriso educado, limpando as mãos em um paninho velho.

— O Jeep da pediatra — diz, cumprimentando-me com um rápido aperto de mão, olhando para o carro atrás de mim.

— É, ela me pediu para trazer para trocar a bateria.

— Sim, sim, estou sabendo. Daiane me pediu na semana passada e eu encomendei com o Alex para buscar na cidade vizinha a marca que ela queria. O putinho me entregou ontem.

Procuro pelo cliente do seu carro.

— Vai demorar ali?

— Um pouco, mas vou te passar na frente. É coisa rápida. Espera aqui.

O homem se afasta, troca meia dúzia de palavras com o cliente e some. Retorna não muito tempo depois com a bateria nova. Abro o capô do veículo e apenas espero que ele faça o serviço.

— A mãe daquele menino apareceu? — pergunta, desconectando os polos da bateria.

— Nem sinal de vida da desgraçada — resmungo.

Theo ri baixinho e abana a cabeça de um lado a outro.

— E você tem cuidado dele desde então? Dando uma de *papai*? — debocha, puxando a velha bateria para fora. Mas que inferno. Esses putos agora vão todos tirar onda da minha cara, é? — Talvez até brincando de papai e mamãe com a Daiane?

— Por que você não cala a porra da boca e faz seu serviço, Theodoro? — rechaço, sem paciência para essas piadinhas.

O maldito ri mais um pouco, encaixando a nova bateria no lugar para ligar os polos. Leva só mais uns dois minutos para terminar e pedir para eu ligar o carro. Faço, e está tudo em ordem. Serviço rápido, como ele mesmo disse. Theo diz que vai buscar a garantia da bateria e me pede para esperar.

— Aqui — diz, esticando o papel para mim. — Com a mão de obra, fica em quinhentos reais.

Acho estranha a sua informação.

— Daiane não pagou?

— Ela disse que você ia pagar — afirma com um tom que denota que ele também está confuso com esse diálogo.

— *Como é?! —* exclamo, assustado.

— É — Theo reafirma. — Alguma coisa sobre você dever a pintura da lataria do Jeep, uns meses atrás. E ela não *tá* errada, Kenny. Foi muito vacilo da sua parte picar “caloteira” no carro dela. Então, como vai fazer o pagamento?

Trinco o maxilar, não acreditando que Daiane fez isso. Maldita diaba de jaleco!

— Vou pedir *pro* Alex te trazer o dinheiro. Não tenho um puto no bolso aqui — digo, de má vontade, segurando o desejo de voltar para a fazenda e soltar os cachorros em cima daquela abusada.

Ele acena, rindo. Deixo o idiota rindo sozinho e giro a chave na ignição, começando a dar a ré. Estou terminando de sair quando Theo grita:

— *Tá* de quatro pela pediatra, Kenny. Só falta admitir.

Mostro o dedo do meio, engato a primeira e acelero.



Decido ignorar o deboche na cara dela quando retorno para casa. Decido não ser um babaca grosseiro porque, bem... ela tem razão. Eu achei que ela me devia, fiz aquela babaquice, ela teve de gastar com funilaria para limpar a bagunça e nada mais justo do que eu ter pagado.

Ela garante que vai cuidar do Davi e que posso pôr meu trabalho em dia, já que está todo atrasado por causa da mudança brusca na minha rotina. Passo o dia todo quase no escritório, parando apenas para comer e me

hidratar. Tiro algumas horas para resolver algumas poucas questões nos arredores da fazenda. Quando dou por mim, são nove da noite e estou exausto.

Tomo um banho e vou até a cozinha, que está silenciosa e escura. Acendo as luzes e vou até a geladeira, onde tem um bilhete da Daiane informando que tem um prato de comida para mim e é só aquecer. Isso me desarma completamente. Aqueço a comida no micro-ondas e janto, sozinho. Eu me habituei à minha solidão, mas agora, depois desses dias todos tendo companhia para jantar, estar sozinho me incomoda. Vou até o quarto, onde a encontro terminando de trocar o menino, que está chorando um pouco.

— Precisa de ajuda? — pergunto, baixo, notando que Davi está mais irritado que o comum. — Ficou com ele o dia todo e...

— Você estava ocupado, Kenny. E está com uma cara de quem acabou de vir da guerra.

Rio um pouco e aceno.

Davi fica quieto.

— Obrigado pela comida — agradeço, encostado ao batente da porta.

— Não foi nada. Eu fui te chamar para comer, mas você estava tão concentrado em uns papéis no escritório depois que voltou do campo que não quis te interromper.

Aceno uma única vez. Ela diz que tem tudo sob controle e que posso ir descansar. Eu me afasto, tiro quase toda a roupa, ficando apenas com camisa e cueca, e me deito. Viro de um lado a outro, sem conseguir dormir, mesmo que esteja muito cansado. Por algum tempo, consigo ouvir os chorinhos de Davi daqui e fico preocupado. Penso em levantar e ver o que está acontecendo, mas Daiane aparece antes, batendo levemente à porta, o garoto se esgoelando com força nos seus braços.

— Kenny — ela diz, com cuidado, balançando o menino.

— Ele está com dor? — pergunto.

— Não. É algo mais simples de resolver.

Um segundo paira sobre nós.

— Por que ele está chorando assim, Daiane? — indago, um pouco

perturbado com o choro dele.

— Davi não consegue dormir porque... — diz, se aproximando de mim. Ela me entrega o garoto, e, como num passe de mágica, o menino fica quieto, fungando o narizinho na pele do meu braço, como se inspirando meu cheiro. — Ele está sentindo a sua falta.



— ***Como assim, sentindo a*** minha falta? — pergunto, um pouco assustado, fitando Daiane por um segundo.

Volto os olhos para Davi, seu rostinho delicado contra meu peito, a respiração calma, o sono tornando-se tranquilo, nem parecendo o menino irritado de segundos atrás. Ouço um suspiro apaixonado dela, e a encaro. A maldita tem um sorrisinho.

— Aparentemente, o menino se apegou a você, Kenny — diz, e isso, por algum motivo, me dá um desespero enorme.

Não, não, não, não! Isso não pode estar acontecendo. Não comigo!

— Como pode? — sussurro, procurando pelo pivetinho outra vez. — Só tem uns dez dias que estou com ele, Daiane.

A pediatra se aproxima, ficando a um centímetro de mim. Ela me encara por um instante rápido, com um sorriso pequeno, complacente, os olhos um pouco brilhantes. Sem que eu espere, a mulher toca meu braço direito, onde repousa o corpinho de Davi, e acaricia seu rostinho, suavemente.

— Você tem cuidado dele nos últimos dias. É natural que o menino tenha se apegado.

Engulo em seco e volto minha atenção ao pequeno, sentindo-me um pouco de coração mole com o garotinho, ignorando que a aproximação dela e seu toque suave, despretenso e sem nenhuma conotação sexual, também me balançam. Tento não pensar muito no assunto agora e me concentro em fazê-lo dormir, o que não é muito difícil. Demora apenas uns cinco minutos até o rapazinho estar em sono profundo. Levo-o para o berço, mas é só ameaçar colocá-lo lá que o espertinho resmunga.

— Dorme com ele essa noite — Daiane sugere com um sussurro, parada atrás de mim.

Olho para ela, um pouco assustado com a sugestão.

— Sou capaz de virar por cima dele e esmagar o coitadinho.

A pediatra deixa uma risadinha gostosa escapar.

— Outro dia você já dormiu com ele, lembra? Quando o Alex veio trazer as coisas para cá? Tenho certeza que não vai “esmagar o coitadinho”.

Avalio um pouco a situação, estudando o rostinho sereno dele, sugando tranquilamente a chupeta. Por fim, cedo e o coloco no centro da minha cama, deitando-me ao seu lado. Daiane se despede, alegando que vai dormir no quarto de hóspedes, mas eu a impeço, pedindo:

— Dorme aqui.

Ela se vira para mim, noto isso pela visão periférica, porque meus olhos estão atentos em Davi e porque não tenho coragem de ver a reação no seu rosto com o meu pedido. Não sei onde é que estou com a cabeça em fazer esse convite. Certamente em cima do pescoço que não é. A verdade é que a pediatra vem mexendo com meu juízo desde o primeiro dia, naquela primeira transa insana e irresponsável na semana passada. Não sei como posso estar me deixando ser enfeitiçado por esses dois em tão pouco tempo, de uma forma tão intensa, rápida e profunda.

— Você tem certeza? — pergunta, hesitante.

Não, penso em responder, mas apenas assinto. Sinto-a se aproximar e se deitar do outro lado, de frente para mim. Nossos olhos se encontram por um segundo. Corto esse contato visual e me direciono para Davi, chegando mais perto dele, envolvendo seu corpinho pequeno com meu braço enorme. Roço o nariz na sua bochecha e na curva do seu pescocinho, inspirando fundo

seu cheiro de bebê. Não fazia ideia de como o cheiro dele me desestabiliza e aquece meu coração.

Em algum momento, pego no sono.



É madrugada quando acordo e passo Davi para o berço. Dessa vez, ele fica quietinho no seu lugar, sem resmungar, e eu posso voltar para minha cama. Meu coração dispara quando dou de cara com ela ali, dormindo feito o anjo, de frente para mim. Minha respiração falha quando a diaba de jaleco abre os olhos lentamente. Ela procura pelo diabinho esperto entre nós e eu explico que o pus no berço.

Mal noto quando me arrasto sobre o colchão, ficando mais perto dela, seus olhos atentos nos meus. Daiane também chega mais perto de mim, seu rosto a um centímetro do meu, sua respiração contra meu rosto, e meus desejos tomando forma. Ela mexe comigo, de um jeito que não deveria permitir. De um jeito que nunca me permiti além de Helena. Isso me confunde, me frustra e causa um amargor na minha boca.

Devaneio por um segundo e nem percebo que ela vem mais na minha direção, na intenção de me dar um beijo. Quando percebo, não recuo. O beijo é delicado e úmido, mas não por muito tempo. Giro sobre seu corpo, devorando-a, sentindo a necessidade imensa que essa mulher me causa. Daiane arqueja, curvando as costas para trás e erguendo o quadril na minha direção, esfregando o vão das pernas na minha ereção. Ela quer acabar com o juízo que me resta. É isso.

Abro sua camisa do pijama, desabotoando-a rapidamente, e caio de encontro ao seu par de peitos, desesperado pelo calor dela ao meu redor.

— Aqui não — sussurra, empurrando-me um pouco quando estou dando atenção à curva do seu pescoço. — O Davi... — Sua frase fica no ar, mas compreendo a preocupação.

Nada de sexo perto do garoto. Todos esses dias transamos longe dele e não vai ser agora que faremos nossa indecência no mesmo quarto. Levanto-

me e a trago junto, suas pernas rodeando meu quadril, e atravesso a casa toda até a sala. Coloco-a no sofá e recaio sobre seu corpo outra vez, tornando a venerá-lo como ela merece. Começo com um beijo safado na boca e vou descendo, alcançando o queixo. Chego ao colo, detenho-me um instante nos meus peitos, e sigo me enveredando para baixo, até sua boceta de pelos aparados. Seguro-a firmemente pelas pernas e a chupo forte, sugando com toda vontade, ora penetrando-a com a língua, ora circundando-a no clitóris sensível.

— Sinta o gosto da sua boceta — digo, voltando para ela e beijando seus lábios, com o mesmo desespero de sempre. Ávido, sôfrego e ansioso por ela. Daiane geme contra meus lábios, agarrando-se nos meus cabelos e me prendendo a ela como se eu estivesse a ponto de partir.

Antes que eu tenha tempo de notar, ela me empurra e troca de posição comigo, mantendo-me por baixo. A diaba se senta sobre mim, esfregando-se contra meu pau duro feito pedra. Apoiando-se aos meus ombros, ela gira o quadril, mordendo o lábio inferior, sem cortar nosso contato visual. A desgraçada sabe que tem uma influência absurda sobre mim, minha mente e meu corpo e faz questão de provocar.

Aos poucos, ela vai se abaixando até ficar entre minhas pernas. A expectativa me toma por inteiro e me deixa ainda mais excitado. Daiane tira minha calça, abaixando-a até meus calcanhares, e vejo sua boca salivar quando meu pau pula diante dos seus olhos. Ela me toma nas suas mãos macias, masturbando-me lentamente. Jogo a cabeça para trás, extasiado com a maciez da sua pele na minha.

— Porra, mulher — solto, quando, sem avisar, ela simplesmente me abocanha, levando-me até o fundo da garganta e voltando.

Torno a olhá-la, e o desejo refletido nos seus olhos enquanto me chupa é a coisa mais genuína que vi em muito tempo. E tem algo mais neles. Não é só a parte sexual da coisa toda. Tem mais. Algo que me diz que esse momento não é só uma trepada sem sentido. Talvez signifique alguma coisa para ela, assim como tem significado para mim e eu me recuso a admitir, a aceitar.

Sem aguentar mais, eu a puxo para cima e a faço se sentar em mim. Gememos juntos, um gemido gostoso e ofegante. Aperto sua cintura quando Daiane começa a cavalgar, devagar, até que a intensidade aumenta e estou

completamente fora de mim. Fico ainda mais fora de mim no instante que ela me olha, com aquele mesmo brilho que me diz que isso entre nós tem um significado muito maior. O problema não é notar que nossa relação colorida está tomando proporções maiores para Daiane, significando muito mais do que apenas sexo casual.

O problema é notar que eu me sinto da mesma maneira.

Meu Deus, estou tão fodido. No bom e no mal sentido.

Inferno.



Suspiro alto, encostado à pia da cozinha, enquanto vejo Daiane descer do Jeep e desamarrar o menino do cadeirão. Penso em ser um pouco cavalheiro e ir ajudá-la, afinal a mulher tenta carregar o bebê, uma porção de sacolas nos braços e o que me parece ser um bolo redondo pequeno, mas permaneço no meu lugar, apenas observando, pensando na decisão que tomei pela manhã, assim que ela saiu com Davi para levá-lo à cidade e vaciná-lo. Não tive estômago para ir junto dessa vez.

— Você pode me dar uma mão? — pergunta, parada à porta de entrada.

Sem dizer nada, apenas me viro e pego o menino, que fica animadinho ao me ver, sorrindo e batendo as perninhas. A felicidade dele me comove, mas sufoco todos os sentimentos e expressões que viriam junto com isso. Sigo impassível e o amarro no carrinho.

Daiane descarrega as sacolas, retirando algumas coisas que comprou no supermercado. Como supus, ela trouxe um bolo redondo, pequeno, só para nós dois. Acho completamente desnecessário, mas resolvo não dizer nada.

— Comprei três velinhas pequenas — conta, animada, mostrando as velas minúsculas que representam os três meses de Davi.

Nem parece, mas já tem um mês desde que aquela desmiolada da Liliana foi embora e deixou o menino sob meus cuidados. Sei que disse que

ia tomar as devidas providências se a garota não aparecesse com duas semanas de sumida, mas quando o prazo venceu, eu simplesmente não consegui fazer nada. Estava apegado demais ao menino, relutando em abrir mão da rotina que criei com o garotinho.

Logo eu, que nunca fui muito fã de crianças, me vi cuidando de um bebê, amarrado a ele, encantado com cada desenvolvimento dele, as descobertas, em como parecia crescer a cada dia e ficar mais esperto. Até acostumei o diabinho a dormir comigo, na mesma cama, antes de passá-lo para o berço. Então vieram as dores no meio da noite, ou as fraldas vazadas de xixi ou cheias de cocô. A fome às três da manhã, ou seu despertar junto comigo, bem antes do sol nascer. Habituei-me a levá-lo até a cozinha cedinho, colocá-lo no carrinho, preparar uma mamadeira e depois o café. Habituei-me ainda mais à presença da pediatra, que se mudou para cá no último mês, mesmo que eu tenha pegado o jeito de como cuidar do menino, ficado um pouco mais paciente, aprendido a dar banho nele e perdido o medo de segurar seu corpinho pequeno e frágil nos meus braços sob a água do chuveiro.

Eu simplesmente me deixei levar por esses dois e a verdade é que estou apegado a Daiane e a Davi, hesitante em abrir mão dessa relação entre nós três, que nem nome tem. Cuido do bebê, mas não sou nada dele. Nenhum grau de parentesco. Durmo com Daiane e me enfio entre suas pernas todas as noites, mas ela não é minha mulher, nem namorada. Não é nada. E mesmo assim o vínculo que criei com esses dois foi tão rápido que tem me assustado.

— Você está bem? — ela pergunta, puxando-me de volta ao mundo real.

Pisco duas vezes e me viro na sua direção, nem percebendo que voltei para a pia e fiquei aqui, olhando para a fazenda através do vitrô.

— Estou. Só... não estou animado como você, Daiane. É ridículo comemorar o *mêsversário* do menino — digo, colocando um pouco de desprezo no termo ridículo que criaram para definirem a idade de um bebê que ainda não completou seu primeiro ano. Pelo amor de Deus, mas quem foi o idiota?

— Ih... — ela murmura de volta. — Por que você está mal-humorado?

— E é da sua conta? — retruco, enquanto minha consciência acusa “*É sim e você sabe que é! Você não conversou com ela sobre sua decisão, babaca imbecil!*”.

— Grosso!

Abro um sorriso cínico.

— E grande também, querida, sabe disso.

Daiane me fuzila com os olhos, ao mesmo tempo que suas bochechas coram, adoravelmente. Imagens das nossas últimas noites no sofá, no quarto de hóspedes, na cozinha, no banheiro, em cada canto dessa casa, rodopiam na minha mente, trazendo à superfície sentimentos que tenho sufocado desde que admiti para mim mesmo que estou apaixonado por ela, o que aconteceu dez dias atrás, quando essa diaba de jaleco confessou o mesmo para mim, enquanto subia e descia no meu pau.

— Você é um idiota — resmunga, indo até Davi. — Não é mesmo, Davizinho? O tio Kenny é um idiota, mas vamos comemorar seus três meses de vida mesmo assim. Não liga para esse velho rabugento.

Velho rabugento!

— Eu não sou velho, Daiane!

Ela ri, olhando para mim e balançando a cabeça de um lado a outro. Um momento descontraído paira sobre nós, até que decido acabar com ele. Preciso contar para Daiane. Ela também se apegou ao menino e não é justo que seja pega de surpresa.

— Aproveite as últimas horas com ele.

A pediatra ergue o olhar na minha direção quase imediatamente, e o sorriso vai sumindo do seu rosto.

— Como assim?

Travo o maxilar. Meu coração acelera.

— Liguei para o Conselho Tutelar. Vão vir buscar o garoto amanhã cedo.

Ela me olha de um jeito como se eu tivesse jogado óleo quente em um cachorro.

— Quando tomou essa decisão? — pergunta, a voz baixa e ligeiramente trêmula.

— Hoje pela manhã, logo depois de ter saído.

— Por que decidiu isso sozinho, Kenny? Por que não me contou...?

Abano a mão no ar, em um gesto de desdém, e me viro novamente para o vitrô da cozinha, preferindo ver o dia lá fora a ter de encarar seus olhos julgadores e cheios de raiva. Fiz o que tinha de ser feito.

— Eu disse que ia esperar quinze dias para aquela desmiolada da Liliana voltar, e ela não voltou em *um mês*. Esperei até demais, mulher. Fiz o que disse que ia fazer.

— Decidiu pelas minhas costas! — Ouço-a dizer, entredentes.

Giro nos calcanhares, sem muita paciência.

— Não era uma decisão sua, Daiane. Você não tinha o que opinar ou palpar nesse assunto. Davi está sob *meus cuidados* e não é como se fôssemos a droga de um casal decidindo em que escola ele vai entrar. Então me poupa do seu drama desnecessário.

— Só queria que tivesse me comunicado da sua decisão, Kenny, não que quisesse meu consentimento. Eu realmente achei que você estava se apegando e...

Dou uma risada ácida, sem humor, interrompendo-a outra vez.

— Me apegando ao pirralho? — desdenho, tentando fingir que ela está completamente errada. — Olha, eu cuidei dele, nunca gastei tanto em um mês como foi com esse menino, dormi noites terríveis e aguentei choro dele. Mas é só isso, Daiane. Você pensou o quê? Que eu ia adotá-lo? Davi não é minha responsabilidade e nem quero que seja.

Ela não diz nada. Só me encara como se eu fosse a pior pessoa da face da Terra. O olhar de decepção dela me corta o coração e dói na alma, porque não quero o desprezo dela, mas quero e *preciso* afastá-la.

— Assim que ele for, você também deve ir — falo, esforçando-me para não parecer que me arrependo de cada palavra. — Qualquer relação entre nós só começou por causa dele e vai acabar quando ele finalmente for embora. Chega de você perambulando pela minha casa, preparando o jantar,

dormindo na minha cama, trepando comigo. Você não é a porra da minha mulher, entendeu?

— Sempre soube que não sou e nunca quis ser, não se preocupe. Aliás, vou embora agora mesmo — sentencia, piscando diversas vezes, como se para segurar lágrimas teimosas.

Ela me dá as costas, indo em direção ao quarto buscar a droga das roupas dela que estão no meu armário. Olho para Davi, que está com sua atenção em mim, quietinho e com os olhinhos brilhando. Meu peito dói ao saber que ele vai embora amanhã, e sei que vou sentir falta dele.

Sei que vou sentir falta da pediatra também. Sentir falta dela perambulando pela minha casa, preparando o jantar, dormindo na minha cama, trepando comigo. Como se fosse a porra da minha mulher.

Vou sentir falta e me corta ter que sufocar a verdade que me nego a admitir: que eu quero Daiane e Davi na minha vida.



— **Ei, mocinho** — **sussurro, parado** no limiar da porta do banheiro com uma toalha amarrada na cintura, vendo os olhinhos amendoados de Davi pelas frestas do berço, três metros longe. O rapazinho abre um sorriso preguiçoso para mim, a chupeta escapando da sua boca. Sorrio junto dele e me aproximo. — Acordou mais cedo hoje — digo, conferindo o relógio, que mal marca seis da manhã.

O bebê me olha atentamente e começa a resmungar, talvez de fome. Visto-me rapidamente e o pego no colo, levando-o até a cozinha junto comigo. Ajeito-o no carrinho e faço sua mamadeira, ignorando o choro desesperado dele. Quando coloco o bico na sua boca e ele fica quietinho, noto que não fiquei irritado com ele, nem incomodado. Eu simplesmente... terminei de preparar seu leite, sem me sentir ranzinza com isso.

— Você vai embora hoje, Davi — digo, baixinho, fingindo que isso não causa uma pontada no meu coração. — É o melhor para nós dois, entende? Vou sentir sua falta, Chorão.

O menino apenas suga o leite, concentrado em mim, piscando lentamente, inocente e alheio à minha conversa descabida. Suspiro e desvio o olhar dele, pensando na diaba de jaleco. Ela foi embora ontem à tarde, depois da minha grosseria, e não a vi mais desde então. Mas *ouvi*. Ela ligou umas duas vezes, perguntando se estava tudo bem, e eu garanti que estava. Ontem

foi a primeira noite que passei com ele sozinho. Virei-me como pude, é verdade, e preciso admitir que fui melhor do que achei que seria. Troquei fraldas, dei banho e mamadeira. Deitei-me e o coloquei sobre meu tórax, cantarolei músicas de dormir e fiquei acariciando seus cabelinhos cor de areia até que ele dormiu sobre meu peito. Passei longas horas nessa posição com Davi, relutando em me levantar e colocá-lo no berço. Só o fiz quando me levantei para tomar banho.

— É difícil admitir que me apeguei a você, Davi — continuo conversando com o bebê. — Até mês passado, eu era um velho rabugento que queria distância de criança, mas aí você... você... — Pauso. Suspiro. — Merda, você derrubou todas as minhas barreiras. — Volto meu olhar para ele, ainda mamando. — Mas eu não posso. Não posso fazer isso sozinho. Não sem a Helena aqui. Um bebê sempre foi o sonho dela, não o meu.

Paro de falar e começo a me sentir um idiota por conversar com um bebê de três meses. Davi termina seu leite e eu o coloco para arrotar. Só então o levo de volta ao quarto e troco sua fralda, agora encontrando o lado certo com mais facilidade. Prática, né, meu filho. Abro a janela e deixo que a luz do sol entre no quarto. Os raios adentram pela janela e incidem sobre a cama desarrumada. Coloco o corpinho de Davi justamente ali, o rosto na sombra para não o incomodar. O diabinho, só de fralda, calça e camisa fininhas, curte o calor bom contra sua pele.

Enquanto Davi aproveita seu banho de sol, eu termino de arrumar o pouco dos pertences que ele tem. Os documentos, as roupinhas — inclusive as novas que comprei nas últimas semanas —, alguns itens para bebês, apesar de saber que o Conselho Tutelar vai providenciar isso de qualquer maneira, e coloco tudo dentro de uma bolsa azul que Daiane me fez comprar ainda na primeira semana que o diabinho estava comigo porque a dele estava meio gasta. Engulo em seco ao passo que fecho o zíper, meu coração ficando cada vez mais apertado com a proximidade da nossa despedida. Sobre a cômoda, tem uma foto minha com ele no colo, que a maldita pediatra tirou de surpresa e depois mandou emoldurar. Eu estava de pé, encostado ao batente do portal entre a sala e a cozinha, segurando Davi nos meus braços e olhando para ele. Não reconheço o Kenny da foto, o Kenny que segura um bebê. O olhar de amor e admiração que esse Kenny dá ao pequeno, o sorrisinho estampado nos lábios desse homem... É um sorriso que há muito tempo eu não via.

Baixo a moldura, escondendo a imagem.

O conselheiro tutelar deve chegar por volta das dez da manhã. Ainda tenho algumas horas com Davi e decido aproveitá-las. Assim que o sol esquenta um pouco mais, levo-o para fora, ajeito uma manta no gramado e deito com ele ali. Converso com o menino, brinco com sua barriguinha, fazendo-o gargalhar, o que me faz rir junto. Essa casa sempre foi silenciosa, desprovida de alegria. Tudo que houve nela por todos esses cinco anos foi luto, solidão e tristeza. Davi trouxe luz a esse lugar tão mórbido. E a pediatra trouxe um pouco de companhia. Habituar-me de novo à minha antiga vida vai ser a coisa mais difícil do mundo. Sentirei falta dos choros e risos dele, da voz de Daiane conversando com o menino, distraíndo-o enquanto prepara o leite. Dou uma volta com ele pela fazenda até que o sol esquenta demais e retorno para a casa principal. Davi toma outra mamadeira e tira um cochilo no carrinho. Levo-o para o berço, onde ele pode dormir mais confortável.

Quando retorno à cozinha, encontro Daiane. Ela está parada no meio do cômodo, dentro de jeans, camisa cambráia e botas de montaria. Os cabelos castanho-acobreados amarrados em um rabo de cavalo frouxo.

— Ele já foi embora? — pergunta.

O relógio na parede marca quase dez horas.

— Ainda não.

— Vim me despedir dele. Posso?

Aceno e indico o quarto. A pediatra vai até lá. Não a sigo. Sirvo uma xícara de café e me sento à mesa, perguntando-me se minha decisão foi realmente a melhor delas. Eu sei que foi. Preciso me convencer disso. Mas se tomei a atitude certa, por que sei que vai doer — já está doendo — a despedida dele? E, com isso, a partida de Daiane também? Por que não consigo me convencer de que é o melhor para todos?

— Ele está dormindo feito um anjinho — Daiane sussurra.

Giro o pescoço, encontrando-a na minha sala.

— Sim. — É tudo que consigo dizer.

Um momento esquisito paira sobre nós. A pediatra assente, diz que precisa ir. E quando ela começa a sair, um desespero enorme me acomete. A ideia de perdê-la — de perder essa relação disfuncional, esse vínculo deturpado que criamos — me deixa apavorado. Eu a vi partir ontem e doeu

feito o inferno. Não quero vê-la partir de novo. Não se ela vai pensando que sou um homem terrível. Um ogro sem sentimentos. Compreendi por que quis afastá-la, por que reneguei o carinho que desenvolvi por Davi e até por ela. Compreendi e preciso pôr isso para fora.

A mulher já está alcançando a porta quando confesso:

— Eu me sinto sujo.

Daiane para e se vira para mim. Ela me estuda por um segundo, primeiro com raiva, mas depois suaviza a expressão, como se compadecesse do trapo humano que estou agora; de como, pela primeira vez em muito tempo, estou expondo o que sinto sem ser através do mau humor, da impaciência ou grosseria.

Aos poucos e com cuidado, ela se aproxima, sentando-se de frente para mim. A pediatra não diz nada. Só... espera.

— Deixei você e o Davi entrarem — sussurro, engolindo em seco. — E eu nunca deixei ninguém entrar. Não desde a morte da Lena.

— Kenny... — Tenta dizer, mas não deixo.

— Levei algum tempo para amar minha esposa de todo o coração, sabe? Praticamente um ano desde que a conheci. Começamos com sexo sem compromisso, depois ela me pediu em namoro — digo, abrindo um sorriso leve, lembrando-me disso pela primeira vez em muitos anos. — Eu aceitei porque gostava mais do sexo dela do que dela, propriamente dizendo. A Lena foi me conquistando aos poucos, e só notei que realmente a amava muitos meses depois.

— Não estou entendendo onde você quer chegar — diz, suavemente.

Molho o lábio inferior e baixo os olhos por um segundo, apertando a xícara entre minhas mãos antes de admitir:

— Eu amo você. — Ergo os olhos na direção dela, esperando ver qualquer reação de surpresa à minha declaração, mas não tem nada disso. — Apreendi a amar em apenas um mês. E eu me sinto sujo por isso, porque... parece que diminui a importância e a intensidade que Helena teve na minha vida. — Balanço a cabeça de um lado a outro. — Parece que foi tão insignificante e...

Sinto um rastro quente e úmido no meu rosto e demoro a notar que

estou chorando. Timidamente, mas chorando. A última vez que chorei foi no velório da minha mulher. Daiane aperta minha mão, com força.

— Não foi, claro que não foi insignificante. Você amou a Helena, e sei que ainda ama, e... me amar não diminui a importância que ela tem pra você. Não existe um parâmetro ou uma regra de tempo para amar outra pessoa, Kenny. A vida tem disso, os sentimentos têm disso. Não se culpe tanto por... só viver a sua vida.

Aperto seus dedos nos meus, digerindo suas palavras. Daiane sai do seu lugar e vem até mim, sentando-se ao meu lado no banco. Ela me olha, segurando-me pelas duas mãos.

— Eu não quero tomar o lugar da Helena. Sei que ela tem um lugar especial no seu coração que sempre vai ser só dela. E fico feliz que eu tenha conquistado um espacinho nesse coração de pedra que você tem — diz, arrancando uma risada sem-graça de mim em meio a algumas lágrimas que ainda descem. Daiane encosta sua testa na minha, uma mão acariciando meu rosto —, porque você também conquistou um espacinho especial no meu, Kenny. Eu também aprendi a te amar em pouco tempo.

Sem que eu espere, Daiane cola seus lábios nos meus, o gosto da sua boca misturando-se ao salgado das minhas lágrimas. Correspondo quase na mesma hora, sentindo um alívio diferente no peito. Eu me agarro à pediatra, aprofundando o beijo, parando de renegar meus sentimentos ou de me sentir culpado. Ela está certa em tudo o que me disse.

— Fica comigo — peço, com um sussurro. — Perdoa as asneiras que falei ontem e fica comigo, Daiane.

Ela sorri, acariciando minha barba, vasculhando meus olhos.

— Eu fico — diz de volta, no mesmo tom.

— Quero ficar com Davi também. Ser o pai que ele não tem. Eu... realmente me apeguei àquele pivetinho. E quero fazer tudo certo, Daiane. Garantir que ele seja meu filho legalmente. Deus me livre a Liliana aparecer do nada e querer tirá-lo de mim.

Ela acena em positivo com um sorriso de orgulho e me beija de novo.

— Você tem todo meu apoio nessa decisão — diz, abraçando-me.

Refugio-me nesse pequeno ato, sentindo-me acolhido como não me

sentia há bastante tempo. Quando o conselheiro tutelar chega, comunico-o da minha decisão e não deixo que o levem de mim. Sei que o processo não vai ser fácil, que vai levar tempo, e que antes de realmente conseguir adotá-lo vão analisar se ninguém mais da família do menino quer ou pode ficar com ele. Pelo que pouco que sei da sua vida, não tem avós; o pai, a desmiolada da mãe dele nem sabe quem é e nunca mencionou o nome do dito-cujo. Ainda assim, estou disposto a enfrentar o que for preciso para manter o diabinho esperto comigo.

Para que ele seja o *meu* diabinho esperto.



Eu vejo o meliante encolhidinho debaixo da mesa do bolo, com as duas mãos na boquinha, como se segurando uma risadinha para não denunciar sua posição e a do seu cúmplice e comparsa. A três metros de Davi e Noah, estou apenas observando os dois diabinhos roubando os docinhos da mesa, antes dos “parabéns”. Davi completou quatro anos mês passado, mas parece que foi ontem que o pirralhinho chegou trazendo luz à minha escuridão.

Hoje é Dia dos Pais, mas é também o primeiro aniversário da minha filha Helena. Então resolvemos fazer uma única comemoração, juntar toda a família na fazenda, que agora está cheia de crianças e esposas. Nenhum de nós achou que nossa vida estaria assim hoje, mas aqui estamos.

— Davi e Noah! — esbravejo, cansado de vê-los surrupiando os docinhos na mesa.

Meu filho se assusta e dá um pulo, batendo a cabeça na mesa. Noah abafa uma risadinha e sai correndo, como um fugitivo, em direção a Theodoro, abraçando as pernas dele. O desgraçado ri em vez de adverti-lo. Sofia, segurando o irmãozinho de Noah, pelo menos tem o senso de dizer ao menino que pare de fazer peraltices.

— Venha cá, mocinho — digo para Davi, chamando-o com o dedo. Ele vem, dentro do seu conjunto *Adidas*, mãozinhas para trás, olhinhos

baixos. Agacho-me na sua altura. — Os docinhos são para depois, lembra? Quando cantarmos os parabéns para a Helena?

— Sim, papai. Mas eu só queria *unzinho*, sabe? — diz, todo inocente, e bota as mãos na barriga. — Por que minha barriguinha *tá* roncando de fome.

Rio um pouco e balanço a cabeça de um lado a outro.

— É por isso que estamos grelhando a carne. Vá pedir um pedaço para o tio Alex, vai — falo, dando um tapinha na sua bunda.

Ele fica emburrado, mas vai. Alex dá um pedaço pequeno a Davi, que se senta no gramado e come bonitinho e comportado. Minutos depois, todas as crianças estão reunidas, fazendo baderna. Davi, Noah, Giulia, Júnior, Amanda, Danilo e Alicia. Daqui uns dias, Helena e Thales — filho do Theo — vão se juntar aos pimentinhas também.

Deixo as crianças sob a supervisão do Guilherme e volto lá para a cozinha. Jade e Heloísa estão ajudando no restante do almoço, enquanto Daiane está amamentando. Sento-me ao seu lado, beijo seus lábios e depois os cabelinhos de Helena. *Um ano.*

— Me lembro bem do susto que tomei quando me contou que estava grávida — digo, ainda acariciando minha filha.

— É porque você não viu meu estado quando *eu* descobri.

Rio baixinho. A gravidez de Helena foi completamente inesperada e pegou nós dois no susto. A danadinha nasceu segurando o DIU da Daiane. Essa queria vir ao mundo de todo jeito. Davi adorou a notícia e tem um amor pela irmã fora do comum. Aliás, tudo na nossa família é fora do comum.

Um mês depois que pedi para Daiane ficar na minha vida, nós nos casamos. Foi ela quem me pediu, aliás, porque queria participar da adoção, ser a mãe do garotinho. Dois meses depois, para termos melhores chances de adotarmos o rapazinho, nos mudamos para a cidade grande. Ela começou a trabalhar no hospital e eu voltei com a sociedade no escritório de contabilidade. A fazenda, contudo, é nosso refúgio. É para onde vimos aos finais de semana, férias e feriados. Apenas dois anos depois de Davi aparecer na minha vida, Daiane inesperadamente engravidou. Fiquei zozinho e pálido quando soube, porque ainda estávamos construindo nossa vida juntos, gastando horrores com os cuidados com o menino, ainda em processo de

adoção, e já era difícil conciliar trabalho e a criação de uma criança, imagina de duas. Quando o susto passou, só consegui me sentir feliz. A sugestão do nome, quando a diabinha nasceu, também foi da minha esposa. Ela achou que seria uma homenagem justa à minha falecida mulher. E eu aceitei, cheio de amor no coração.

Ergo os olhos para Daiane. Ela está agora conversando com as meninas, rindo de alguma coisa que pouco dou atenção, os olhinhos de Helena presos na mãe enquanto mama, sua boquinha se abrindo em um sorriso gostoso por causa da felicidade que emana da mulher que a gerou. Então, eles vêm aos meus, e o seu sorriso aumenta. Seguro na sua mão, e ela aperta meus dedos.

Fazemos contato visual por longos segundos, e vejo nos olhinhos dela todo o significado da minha vida. Não seria quem sou hoje sem Davi, Helena e Daiane. E sou imensamente grato por serem minha família, por me renascerem em um novo homem. Um homem mais paciente, menos mal-humorado, mais feliz.

E, acima de tudo, um homem com algum propósito de vida, porque não há nada que eu não faça todos os dias que não seja pensando no bem-estar e na felicidade da minha família, que é minha base, o motivo dos meus estresses, mas também alegrias, minha luz em meio à escuridão, a ordem em meio ao caos que, por vezes, ainda sou.

Meu lar não é um lugar específico, mas *pessoas* específicas, e minha casa será onde eles estiverem.

FIM



♥ agradecimentos ♥

O projeto *Pais Alencastro* surgiu de uma brincadeira despretensiosa e acabou por ganhar meu coração. Guilherme, Alex, Theo e Kenny vão sempre ter um lugarzinho especial na minha vida.

Um agradecimento especial às autoras do projeto, Marta Vianna, Jessica D. Santos e Thais Oliveira; à Jessica por ter topado logo de cara e “intimidado” as outras duas a participarem, e à Marta e Thaís por terem aceitado o convite. Foi uma experiência que eu gostei demais. Nossas conversas, as trocas de ideias, as risadas. De verdade, meninas, muito obrigada. Espero que possamos firmar outras parcerias assim, no futuro.

Mais um obrigado à Thais, pela capa maravilhosa.

Não posso me esquecer da minha revisora, Victoria Gomes, que como sempre faz um trabalho incrível no original. Obrigada pela paciência e tempo disponibilizado.

Por último, e não menos importante, obrigada a você, leitor ou leitora, que chegou até aqui. Esse livro não teria nenhum sentido se não fossem vocês. Obrigada pela espera e paciência pelo último livro da série. Sei que muitos de vocês estavam ansiosos esperando pelo lançamento. Espero que tenham se divertido com Kenny, Daiane e Davizinho.

Beijos e até a próxima.



Conheça os livros anteriores da série.

Na mira de um cupido (Livro 1 – Guilherme e Heloísa) -
<https://amzn.to/30F04Mi>

Sinopse: Se o cupido tivesse um nome, com certeza seria Danilo.

O filho da diretora, do Colégio Cristo Redentor, parecia um anjo, mas a candura se limitava apenas a sua aparência, porque o garoto era levado, em todos os sentidos.

Nós nos conhecemos na minha lanchonete, por acaso, e, depois desse dia, minha vida mudou completamente. Meu mais novo amiguinho havia cismado de arrumar um namorado para a mãe e estava disposto a fazer qualquer coisa para vê-la feliz novamente.

Heloísa era uma mulher jovem, linda e tinha um sorriso encantador, mas depois da separação que quase destruiu seu coração, ela decidiu arquivar os sentimentos e dedicar todo o seu tempo ao pequeno terrorista e ao trabalho.

Como eu sei de tudo isso?

Bom, meu nome é Guilherme Alencastro e, eu fui o alvo do tal

Cupido com carinha de anjo.

Pedaços de amor (Livro 2 – Alex e Jade) – <https://amzn.to/2Fl7Fr9>

Sinopse: Cada ser humano precisa lutar suas batalhas de cabeça erguida.

Assim era Alex, que vivia a dura realidade de ser um pai solteiro que tinha sido abandonado pela esposa. Mesmo sob a pressão da responsabilidade, ele se dedicou bravamente à missão de ser pai solo. Sua pequena Alícia se tornou a sua única prioridade e ele não tinha planos de mudar essa equação.

Jade era uma jovem com um passado marcado por violência e muitos traumas. Ela não tinha nenhum interesse em se envolver emocionalmente com alguém, e muito menos chamar a atenção para si. Contudo seus planos foram postos à prova quando conheceu a pequena Alícia, uma garotinha de seis anos, e seu pai encantador.

Sentimentos se afloraram, mas Jade se negava a vivenciá-los até ser capaz de abrir seu coração novamente para o amor.

Quanto te encontrei (Livro 3 – Theodoro e Sofia) – <https://amzn.to/3aRV1eO>

Sinopse: Sofia Aguilar tinha uma vida no eixo. Trabalhava com o que amava, tinha o namorado perfeito e esperava seu primeiro filho... só que, do nada, as coisas começaram a sair do controle. E agora ela está sozinha e com um bebê.

Theodoro Alencastro é um homem de alma livre, não preocupado em se apegar ou com o que as pessoas pensam dele. Perdeu o irmão há quatro anos e isso o fez pai de uma garotinha adorável, Amanda.

Duas pessoas com vidas e prioridades diferentes, duas almas distintas que vão ter seus caminhos cruzados pelo acaso.



Conheça outras obras da autora. São mais de 17 títulos disponíveis.

Acesse o link, escolha, baixe e leia: <https://amzn.to/2VIdGn9>



Facebook: <https://www.facebook.com/acnunesautora>

Instagram: <https://www.instagram.com/a.c.nunes/>

Wattpad: https://www.wattpad.com/user/AC_NUNES

E-mail: ac.nunes@outlook.com.br

Grupo no Facebook: <https://www.facebook.com/groups/romancesacnunes>